

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

INÊS CONCEIÇÃO PEDRENO

**DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DAS FALAS DE DOIS MORADORES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO ANDIRÁ**

PARINTINS-AM

2022

INÊS CONCEIÇÃO PEDRENO

**DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DAS FALAS DE DOIS MORADORES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO ANDIRÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. MsC. Maria Celeste de Souza Cardoso

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

INÊS CONCEIÇÃO PEDRENO

**DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DAS FALAS DE DOIS MORADORES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS DO RIO ANDIRÁ**

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a MsC. Maria Celeste de Souza Cardoso
Universidade do Estado do Amazonas- UEA (Orientadora)

Prof^a MsC Franklin Roosevelt Martins de Castro
Universidade do Estado do Amazonas- UEA (Membro Interno)

Prof^a MsC. Katriana Jacaúna Farias
Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas - SEDUC (Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

Aos meus incentivadores primeiros, os meus pais Jovan da Silva Pedreno e Ângela Maria de Castro Conceição, por todo apoio, dedicação e carinho. Ao meu irmão e irmãs que se fizeram presentes nos momentos mais difíceis, me fazendo rir das nossas confusões.

Ao meu avô Adelino Pereira de Castro e a minha tia Raimunda Cândida Pedreno que muito colaboraram com suas histórias de vida para esta pesquisa, e também aos outros contribuintes.

A minha orientadora Professora Msc. Maria Celeste de Souza Cardoso pela contribuição com os seus conhecimentos e experiência. E ao meu Coorientador Professor Dr. João Marinho da Rocha que me permitiu participar dos seus projetos de extensão, abrindo os meus olhos para a história e diversidade do Andirá.

Aos professores, colegas e amigos que ganhei no curso, pelas incontáveis risadas diante das dificuldades e por não me permitiram fraquejar diante das muitas situações.

Aos meus familiares, amigos e àqueles que me ajudaram a seguir a trajetória nesses quatro anos, uma realização que não é só minha, mas de todos que contribuíram para essa caminhada.

Aos meus pais Jovan da Silva Pedreno e Ângela Maria de Castro Conceição e a meu avô Adelino Pereira de Castro, pelas palavras de incentivo, pelos gestos de amor e confiança depositados em mim, vocês são o motivo de meu esforço e persistência nesse trabalho.

A eles dedico.

“A Escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente”.

Tierno Bokar

RESUMO

A configuração sociocultural do Andirá, junto às experiências familiares e de trabalho conduzem as trajetórias, mostrando a variação linguística que esses sujeitos usam. As comunidades tradicionais do Andirá são formadas pela hibridação de grupos sociais apegados à região, junto aos indígenas nativos Sateré Mawé, bem como da cultura, tradições e crenças, hoje presentes em comemorações festivas. Os nossos principais autores que formam o embasamento teórico dessa pesquisa são Bosi (1994), Meihy (2005), Pollak (1989, 1992), Pinsky (2008, 2013), Amaral (2020), Farias (2017), Sá (2007), Martins, Martins, Araújo (2019), Bagno (2007) e Chizzotti (2010). Esta pesquisa é voltada para a análise morfosintática das falas do quilombola Adelino Pereira de Castro e de Raimunda Cândida Pedreno, levando em consideração as suas descendências e a hibridação de grupos sociais. Com o primeiro foi necessário realizar as entrevistas, que depois juntando às de Raimunda Cândida (GEHA/UEA), foram transcritas. Por meio da oralidade, os sujeitos narraram suas histórias de vidas, englobando a do grupo social a que pertencem, ainda a criação das comunidades, fazendo referências a lugares, pessoas, costumes, tradições e principalmente às relações, como a de trabalho, casamentos, batizados e educação. A Metodologia utilizada neste trabalho de pesquisa foi a qualitativa, em que a interpretação é voltada para o significado que os sujeitos dão ao que narram, neste caso, nas suas trajetórias de histórias de vidas. E também utilizamos o método etnográfico, pelo qual o pesquisador estuda os sujeitos em seu próprio ambiente. Os resultados apontam para as falas as quais trazem características de uma variação resultante da hibridação de grupos sociais diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Descrição linguística; Hibridação; Histórias de Vidas; Fala; Rio Andirá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1.1 MEMÓRIA, BIOGRAFIA, ORALIDADE E HISTÓRIA DE VIDA	11
1.2 LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA	16
1.3 ANÁLISE LÍNGUÍSTICA: ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS	19
CAPÍTULO II: CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA	22
2.1 TIPOS DE PESQUISA	22
2.2 DA PRODUÇÃO DE FONTES NOS CONTEXTOS DA PESQUISA	24
2.2.1 FONTES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PAIC	24
2.2.2 DOS PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS	26
CAPÍTULO III: ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DAS FALAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO COM AS ÁREAS DE ESTUDO.....	31
3.1.1 ANDIRÁ, CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL PLURIÉTNICA.....	31
3.1.2 ETNOGRAFIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE “SANTA TEREZA DO MATUPIRI”.....	32
3.1.3 ETNOGRAFIA DA COMUNIDADE DE “GRANJA CERES”.....	35
3.2 MORFOLOGIA, SINTAXE E MORFOSSINTAXE.....	37
3.2.1 APAGAMENTO DO /R/ FINAL E DESNASALIZAÇÃO DO /M/ FINAL.....	40
3.2.2 CONCORDÂNCIA PARCIAL	43
3.2.3 ROTACISMO E ALTERNÂNCIA DE /S/ POR /R/	44
3.2.4 USO DE NEGATIVAS, O EMPREGO DE NUMERAIS, E A REPETIÇÃO DE VOCÁCULOS	46
3.2.5 MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS DECRESCENTES	48
3.2.6 FLEXÃO VERBAL E PRONOMES	49
3.2.7 ORGANIZAÇÃO DAS FRASES	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

A região do Rio Andirá no município de Barreirinha carrega traços da hibridação de grupos sociais que se achegaram à Amazônia durante sua ocupação no final do século XIX e início do XX, desde então, a região foi modificada e explorada, da mesma forma que sua gente. As comunidades foram formadas a partir das hibridações de povos originários Sateré Mawé com imigrantes (portugueses, espanhóis, judeus e outros) que vieram e permaneceram nestas “paragens”, a exemplo de africanos de Angola escravizados.

Para garantir a permanência nestes locais foi necessário estabelecer relações interétnicas e socioculturais, onde temos as relações de trabalho, educação, casamentos e batizados. Essa rica dinâmica social e étnica produziu comunidades marcadas pelas diversidades, no caso aqui, nos interessa a diversidade sociolinguística.

Esta pesquisa busca analisar morfossintaticamente as falas de dois sujeitos moradores de comunidades tradicionais do Andirá, a partir de narrativas de histórias de vidas de Adelino Pereira de Castro, descendente de angolanos com experiência nos mundos da escravidão, morador da comunidade quilombola de “Santa Tereza do Matupiri”, e de Raimunda Cândida Pedreno, descendente de imigrantes espanhóis, moradora de Granja Ceres.

Nossos objetivos são identificar nas narrativas o linguajar de cada morador e quais as características mais evidentes, seguido de verificar quais as influências que esta variação usada pelos sujeitos sofre e por fim mostrar as construções dessa linguagem nas histórias de vidas, sua variação e especificidades. Suas falas trazem a história sobre si, e também a dos grupos que pertencem, carregam uma variação linguística com características de sua formação familiar e cultural. E por essas peculiaridades puderam ser tomadas como objetos de análise desta pesquisa.

A justificativa da pesquisa se deve à necessidade de estudos de análise da fala das variações linguísticas trazidas por moradores das comunidades do Andirá, o quilombo de Santa Tereza do Matupiri e Granja Ceres, considerando que esta região apresenta hibridação de grupos sociais e étnicos, e as análises iniciais podem mostrar pontos desconhecidos, pois as comunidades do rio Andirá são fontes de informações pelas relações inter-étnicas e socioculturais apresentadas neste rio.

Outro ponto se deve à valorização das memórias de velhos e velhas dessas comunidades e suas narrativas, as quais englobam as de seu grupo social. Esta pesquisa busca a valorização da identidade dos ribeirinhos, os quilombolas descendentes de angolanos e também os de descendência de imigrantes espanhóis, que narram sua história, cultura e

tradições. Reconhecer e estudar sobre essas diversidades sócio-histórica, étnica e linguística parece ser um elemento fundamental para o que determinam as legislações sobre a história e cultura afro-brasileira (10.639/2003), história e cultura afro-brasileira e indígena (11.645/2008), como tanto para a educação escolar quilombola, resolução nº08 de 2012.

As questões que nos guiaram nesta pesquisa foram: 1) Verificar se nas histórias de vida há marcas específicas e características únicas nas falas; 2) Perceber se a variação da linguagem destes sujeitos sofre influência da sua descendência, nestas narrativas podemos desvendar o passado e explicar a fala destes. As histórias de vida podem ilustrar sobre a vida dos grupos sociais e suas relações, onde podemos identificar as influências dos seus antepassados, da região, do trabalho e da família na formação e variação desta linguagem.

Os nossos principais teóricos utilizados na pesquisa são, em relação a noções de pesquisa temos Chizzotti (2010) e Severino (2013), por ser voltada para a história oral de vida, memória e história oral, temos Alberti (2005), Amado e Ferreira (2006), Bosi (1994), Meihy (2005), Oliveira (2017), Pollak (1989, 1992), Pinsky (2008, 2013), Rocha (2019), que trazem conceitos sobre história, arquivos e documentação. Voltado à análise linguística, língua e variação, recorreremos a Amaral (2020), Farias (2010), Sá (2007), Martins, Martins, Araújo (2019), Bagno (2007), estes são nossas bases teóricas.

A principal Metodologia utilizada neste trabalho de pesquisa foi a qualitativa, em que a interpretação é voltada para o significado que os sujeitos dão ao que narram, neste caso, nas suas trajetórias de histórias de vidas, envolvendo tradição oral e também oralidade, abarcando o seu grupo social, seja a dos angolanos, de quem Adelino Pereira descende, seja dos espanhóis de quem Raimunda Cândida descende. Também utilizamos o método de abordagem etnográfico, pois a observação foi realizada in loco com o contato direto da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa e envolve a descrição detalhada das histórias de vida das pessoas que fazem parte desse estudo.

A nossa pesquisa é dividida em partes, a seguir trazemos um panorama geral dos capítulos, iniciamos tratando sobre o modelo que vamos seguir para a análise morfossintática das falas. No primeiro, “*Memória, biografia, Oralidade e Histórias de vida*”, tratamos de conceitos primordiais para o desenvolvimento do trabalho de análise, lembramos que partimos de narrativas de histórias de vidas, que envolve memória, também biografia, pois, é primordial situar os sujeitos e sua descendência, temos a oralidade, porque esse foi o meio utilizado para a coleta das narrativas, nosso objeto de estudo, por meio de entrevista.

Por ser uma análise de falas, conceituamos língua, fala e variação linguística, levando em consideração a formação étnica e sociocultural da região do Rio Andirá, que recebeu

diferentes grupos sociais durante sua ocupação. Toda língua tem variações, e recebe modificações ao longo do tempo, conforme a sociedade muda ela também muda, atendendo à demanda, não sendo estática e acabada, incorpora valores e é um meio de identidade grupal.

As variações são as que apresentam características específicas de um local, onde temos a fala, seguindo conforme a organização daquele local, empregando informações específicas, como as gírias. Tratamos também sobre conceitos de Sociolinguística por ser uma área que envolve a língua e sociedade.

No segundo capítulo “*Caminhos da Pesquisa: Metodologia*”, primeiro tratamos sobre como chegamos à pesquisa, ou seja, como começou e os caminhos que percorremos. Seguimos situando o tipo de pesquisa, bem como a produção das fontes que utilizamos como objetos de estudo e como parte final do capítulo trazemos os procedimentos e técnicas que foram úteis para o trabalho de análise linguística das falas dos dois moradores do Andirá.

No terceiro capítulo “*Análise Morfossintática das falas dos sujeitos da pesquisa*”, trazemos as áreas de estudo, as comunidades de Granja Ceres e o quilombo de Santa Tereza do Matupiri, localizadas ao longo das margens do Rio Andirá, no município de BarreirinhaAm, construímos um relato etnográfico de cada uma, desde seu início, baseados nos históricos e nas narrativas orais.

Na última parte deste capítulo, trazemos a análise linguística de aspectos Morfossintáticos mais relevantes nas narrativas de histórias de vidas, em que são apresentados os fenômenos e em seguidas analisamos, utilizando trechos das entrevistas de histórias de vidas dos sujeitos dessa pesquisa. Voltamo-nos somente à análise Morfossintática das falas, ou seja, a parte Fonológica e Fonética não são analisadas nesse trabalho, apenas a Sintaxe e a Morfologia, junto a conceitos de Histórias de vidas, Memória e Oralidade.

Esperamos que com essas breves reflexões sobre a diversidade sociolinguística, possamos auxiliar e contribuir para melhor entendimento sobre essa temática, também como auxílio à implementação de legislações brasileiras que versam sobre a educação para as relações raciais e, com isso, estejamos contribuindo para uma educação mais inclusiva, de fato, e que respeite a diversidade que configura nosso país, a exemplo do que são as comunidades quilombolas do rio Andirá.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é direcionado aos teóricos que fundamentam o trabalho de análise morfossintática, que parte de histórias de vidas envolvendo memória, oralidades e biografia. A temática sobre análise linguística da fala de moradores de duas comunidades do Andirá é uma forma de desvendar a variação da linguagem utilizada nestas “paragens”, quais suas especificidades e características mais relevantes.

Na fundamentação desse capítulo, utilizamos para noções de história, memórias, arquivos e documentação, Alberti (2008), Amado e Ferreira (2006), Bosi (1994), Meihy (2005), Pollak (1989, 1992), Pinsky (2008, 2013). Sobre língua e variação, temos Bagno (2007; 2014), Farias (2010); e Sá (2007). Utilizamos ainda outros estudos para complementar o embasamento.

1.1 MEMÓRIA, BIOGRAFIA, ORALIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA.

A pesquisa direcionada à análise das falas de dois moradores do Andirá, por partir de narrativas de histórias de vidas, envolve a memória, a biografia e a oralidade. Os dois sujeitos, Adelino Pereira de Castro e Raimunda Cândida, são frutos das hibridações que ocorreram na região, entre os nativos indígenas Sateré Mawé e os “de fora”. Dando prosseguimento trataremos sobre os estudos que nos guiaram na pesquisa, bem como dos teóricos escolhidos para fundamentar essa temática.

A pesquisa bibliográfica foi dividida em categorias, a da história e memória; imigração europeia para a Amazônia com destaque para a migração espanhola que adentrou o Andirá; escravidão negra e remanescente dos antigos quilombos/mocambos, com destaque para descendentes de angolanos que formam as comunidades quilombolas do Andirá; noções de arquivos/documentação; linguagem e variação linguística. Depois de lidos e fichados, os textos serviram para a compreensão do que se deseja buscar no estudo, haja vista que deram os conceitos fundamentais para um diálogo com as fontes levantadas na pesquisa. Abaixo, trazemos uma indicação sobre o arcabouço teórico.

Conceituar memória se torna necessário, pois as bases da análise linguística são histórias de vidas de Adelino Pereira e Raimunda Cândida, desenvolvidas a partir das memórias formadas ao longo de suas vivências. Os textos iniciais para falar sobre memória foram o livro de Ecléa Bosi “Memória e sociedade: Lembranças dos velhos”, que traz suportes necessários para entender, dentre outros temas fundamentais, os papéis da memória, a importância de ouvir as narrativas orais dos velhos, sobre como esses sujeitos já muito

experenciados das suas trajetórias de vidas organizam as lembranças, a trajetória de vida, em função de seus contextos vividos, pois, “a função social do velho é lembrar” (BOSI, 1994, p. 17).

Nas narrativas de história de vida dos velhos, são trazidos mundos, espaços e tempos outros, sendo que, “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (BOSI, 1994, p. 407-408). É um contexto de fala em que torna presente personagens que já faleceram, bem como os seus atos e feitos, “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegarnos pela memória dos velhos” (BOSI, 1994, p. 33).

Este “mundo social” proposto por Bosi sustentou e sustenta as diversidades de linguagens que configuram as paisagens sociolinguísticas do multiétnico rio Andirá. Estes mundos diversos, devem cada vez mais serem mapeados, compreendidos e traduzidos à luz da ciência. E as narrações são fontes deste estudo pelas informações que apresentam e que não se restringem à linguagem.

Os artigos de Michael Pollak “*Memória, esquecimento, silêncio*”(1989) e “*Memória e Identidade social*”(1992) tratam sobre a memória e a identidade social. O primeiro diz respeito aos fenômenos que envolvem a memória e seus diversos tipos, quando temos o sentimento de pertencimento através desta, a qual “se integra, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades” (POLLAK, 1989, p. 9). A memória é estruturada por hierarquias e classificações, apresentando uma diferença em relação aos outros grupos, o que reforça o pertencimento, pois “há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido” (POLLAK, 1989, p. 9).

No segundo artigo, o autor aponta para a identidade construída a partir das histórias de seu grupo social, das memórias coletivas do meio a que pertence. Podemos relacioná-lo ao livro de Bosi, pois ao narrar, os indivíduos mostram o que julgam importante ao grupo, silenciam sobre fatos, seja pela sua insignificância ou por serem dolorosos, fortalecem suas lembranças ao descrever os lugares junto a outros elementos gestuais e orais. Ainda segundo o autor, a memória é “um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, as narrativas carregam momentos que firmam a identidade deste indivíduo dentro de um grupo, o autor aponta que “a memória é um elemento constituinte do sentimento

de identidade, tanto individual como coletiva, [...] ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade” (POLLAK, 1992, p. 204). Os relatos sobre o início do distrito quilombola de Santa Tereza, o qual se mostra como memória coletiva, bem como sobre a vinda dos espanhóis em uma “barca grande” mostram que estes acontecimentos não foram vivenciados, chegaram até nós pela oralidade e pela memória dos que relatam/narram suas histórias de vida.

A partir da memória, ocorre a construção de si, uma construção social, como indivíduo pertencente a um grupo. A memória constitui-se dos “acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos [...] ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 201), junto aos acontecimentos, as personagens e os lugares de memória, esses elementos constituem a memória.

Estes estudos sobre memória e suas formas de constituição nos ajudam a compreender as escolhas dos entrevistados na pesquisa, como decide o que falar/lembrar e o que guardar/esquecer, envolve a memória individual e coletiva, abarca seus antepassados, chegando à identidade social. As comunidades ao longo do rio Andirá no Baixo Amazonas foram criadas por grupos sociais e étnicos distintos, negros, espanhóis, japoneses, portugueses que se hibridaram com os indígenas nativos Sateré Mawé.

Em “*História e memória*” de Motta (2003), a autora aponta que a memória “só se explica pelo presente, pode-se afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo” (MOTTA, 2003, p.182). Motta pontua junto a Piere Nora (1993) as memórias existentes como, a individual, a coletiva e a nacional, e seus elementos, estas mudam com o tempo e conforme as exigências do presente, sendo explicadas apenas por este, portanto, são fontes históricas, assim como os lugares de memória, sendo construídas socialmente, como uma continuidade no espaço temporal. E os lugares de memória “são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12).

Em “*História oral e narrativa: tempo, memória e identidade*” de Delgado (2003), são explicitados que, “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2003, p. 23). Através dela, o indivíduo relembra desejos, sonhos que lhe marcaram, bem como hábitos e valores, reconstitui laços de amizade e de companheirismo. Salientando que a memória é um suporte para a construção da identidade (DELGADO, 2003), indo além do lembrar, vai

significando as vivências e experiências individuais e coletivas, “a história como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrências, no mínimo duas dimensões: temporal coletiva e temporal individual” (DELGADO, 2003, p. 12).

Em relação à memória, Piere Nora (1993, p. 9) conceitua que “é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Apontando que os lugares de memória, “pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, [...] são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diversos” (NORA, 1993, p. 21). Estes conceitos tratam do individual, do coletivo, envolvem a história de um grupo, dos indivíduos, onde além da identidade há a variação linguística que fortalece o elo de pertencimento. Portanto, nas histórias de vidas de moradores do Andirá, a memória é um elemento essencial, pois os indivíduos a tem como um “esteio” que sustenta o seu narrar.

A Biografia é outro elemento do qual fazemos uso, sendo “hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu” (BORGES, 2008, p. 215). Estas informações podem ser acessadas através de suas narrativas ao contar sua trajetória de vida.

Os sujeitos narram de forma cronológica suas experiências pessoais, seguem um roteiro cronológico, onde envolvem aspectos de comportamento de um grupo social, assim, uma história de vida carrega traços da cultura, da vida social, da política, da religião, como itens da narrativa dos colaboradores, onde também há uma forma de reconstruir lugares e pessoas falecidas (MEIHY, 2005).

Nas histórias, os sujeitos trazem datas, bem como julgamentos sobre fatos vivenciados, assim podemos dizer que a Biografia faz uma reconstituição biográfica, isto tudo dentro das narrativas do indivíduo. Lembrando que segundo Meihy (2005) há narrativas que tratam sobre pessoas falecidas, servindo como reconstrução biográfica, outra derivação das histórias de vidas, em que podem abarcar ainda fragmentos narrativos das histórias de vidas de tipos sociais, de família, de outrem.

A narrativa biográfica é um ramo da história de vida, voltada para o valor da experiência pessoal, “deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores. Questões como a vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado” (MEIHY, 2005, p. 151). Considerando que

toda narrativa é pessoal, e carrega consigo o esforço da reconstrução, havendo um sentido na escolha do fato narrado, seja no sentido moral ou cômico (MEIHY, 2005).

Nas trajetórias de vidas, a Oralidade é presente, pois é por meio desta que podemos conhecer pontos da vida dos entrevistados. Considerando que “é só mais um dos meios e acervos de informação de que dispõe o pesquisador para a construção da percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana, particularmente dos grupos sociais em que a oralidade se mantém em vigência” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 24). Assim, é tão válido quanto qualquer outro documento, sendo fonte de conhecimentos e informações.

Em “Usos e abusos da História Oral”, de Amado e Ferreira (2006), são tratadas as características da história oral, expondo seus elementos constituintes, a organização das narrativas, a partir do quê, e qual estrutura segue. Os autores tecem reflexões sobre o tratamento das fontes, visando o conhecimento, “a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico)” (AMADO, FERREIRA, 2006, p.14).

A oralidade como objeto de estudo é um meio de fazer história oral, “é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação [...] da cultura e da esfera simbólica humana” (AMADO, FERREIRA, 2006, p.15). Por meio dela, ocorre em algumas culturas a transmissão de tradições e saberes orais, baseados nas experiências dos indivíduos, oferecendo interpretações de processos históricos.

Em “Manual de história oral”, Meihy (2005) informa quanto às entrevistas que, por meio delas, “pode se perceber as formas de organização das narrativas, que sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração de memória e suas relações com a identidade” (MEIHY, 2005, p. 59), levando em consideração que as tradições e costumes são passados pela oralidade.

Outro estudo que fortalece a pesquisa em se tratando das fontes orais são os livros

“Fontes Históricas (2008)” e “O historiador e suas fontes (2013)”, ambos organizados por Pinsky e outros. Nossas fontes são arquivos eclesiásticos, uma “documentação, rica e variada, compõe-se em especial de registros paroquiais de batismo, casamento e óbito, processos diversos, livros-tombo de paróquias e correspondências, organizadas pelo nome das paróquias e em ordem cronológica” (BARCELLAR, 2008, p. 40).

Em “*Fontes Oraís: história dentro da história*” Alberti (2008), mostra-se que “a história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes

grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2008, p. 164), nesse contexto, servindo como bússola para a pesquisa de análise de falas de Adelino Pereira e Raimunda Cândida Pedreno, sujeitos de nossa investigação.

No percurso das narrativas de Histórias de Vidas, os temas são aprofundados e a narrativa principal é entrecortada por outras temáticas, sob a visão do entrevistado, que expõe seus pontos de vista, traz sobre sua geração, seu grupo, por este motivo transmite a experiência coletiva, assim, devemos considerar que história de vida é próxima da biografia (BORGES, 2008).

O narrar envolve o grupo do indivíduo, por buscar se identificar com as tradições e costumes os quais se identifica, apresentando uma memória coletiva e uma individual, onde a narração é apenas uma versão. Estudos voltados para esta área da história oral de vida têm ganhado espaço nas pesquisas (AMADO; FERREIRA, 2006).

Ao trazer as vivências de uma existência, o depoente segue um caminho, organiza os acontecimentos conforme a importância que tiveram em sua vida, “a história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesse sentido, a ‘verdade’ está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas” (MEIHY, 2005, p. 149). Dentro dessas histórias de vida há fatos não vivenciados, porém, são trazidos, pois chegaram ao depoente por meio de outras pessoas, pela oralidade.

Não há como deixar de tratar sobre memória, em histórias de vidas de velhos moradores de comunidades tradicionais do Andirá, pois a memória reforça a identidade com o grupo do qual o sujeito se identifica, da mesma forma a biografia, porque ao narrar, constroem suas vivências e experiências de forma cronológica. Quanto à oralidade, é por meio dela que obtivemos nosso objeto de estudo, e as histórias de vidas foram a forma que encontramos de obter informações sobre os sujeitos, seus grupos e sobre a região. Assim, o entendimento desses itens são primordiais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

1.2 LÍNGUA, FALA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A região do Andirá recebeu durante sua ocupação por volta do final do século XIX e início do XX, vários grupos sociais, o que configura o rio como pluriétnico, ou seja, há nessa região uma configuração sócio-histórica, hibridações de culturas, tradições e também de linguagens. Para a análise da fala dos entrevistados dessa pesquisa, tornou-se necessário abordar conceitos da Sociolinguística, voltados para a Análise Linguística, e ainda pontuar sobre língua e linguagem, fala e variação.

O estudo sociolinguístico “tem sido usado para conceituar o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, é um campo de investigação que descreve todas as áreas da relação entre língua e sociedade” (SÁ, 2007, p. 39). Ainda segundo Sá (2007), a variação acontece em todas as línguas, independente do período histórico, e se manifesta no âmbito da sociolinguística.

A língua “incorpora valores sociais, e como a sociedade é dinâmica, a língua também o é. Assim, uma vez que a sociedade começa a mudar, então a mudança da língua produz efeitos especiais” (SÁ, 2007, p. 17). Com isso, podemos dizer que a sociedade influencia na linguagem e vice versa, indo além da comunicação. Levando em consideração o pressuposto de que a língua é dinâmica e reflete a cultura do meio em que se encontra, devemos considerar a formação sociocultural da Amazônia:

O processo cultural do povoamento e ocupação humana da Amazônia teve como característica principal a multidiversidade de povos e nações. Etnodiversidade histórica e original que se manifestava não tanto pelos caracteres raciais, mas por aspectos antropológicos e culturais ricos, típicos e diferenciados na linguagem, ritos, magias, usos, costumes, produtos ergológicos, formas próprias de subsistência (BENCHIMOL, 2009, p. 19).

Assim, as hibridações tão características da região amazônica, assim como do Brasil, influenciam a linguagem e trazem informações sobre a história de um determinado grupo social. Na Amazônia, “o ribeirinho mescla ou sintetiza a junção dessas raças: branco, negro e índio. Apodera-se de uma imaginação criadora que se articula, também, com a esfera da natureza do poético” (RANCIARO, p. 196, 2004).

Para os sociolinguistas, a língua “é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. [...] A língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído” (BAGNO, 2007, p.36). Baseados neste estudo, a língua é um produto social e artificial, onde a gramática está distante da língua que é utilizada no cotidiano. É a partir do coletivo que as relações sociais se integram, “esta ligação entre a língua e os valores sociais decorre justamente da maneira como a língua é usada na comunidade, e das escolhas que esses falantes fazem quando se comunicam” (SÁ, 2007, p. 18), assim, a sociedade e a língua são uma só e dizem muito sobre o indivíduo e seu grupo social.

A fala diz respeito ao ato comunicativo de uma comunidade, que compartilha padrões normativos, a fala de um indivíduo faz parte da variedade que adquiriu, “aprendemos a variedade a que estamos expostos, dando continuidade à herança linguística que recebemos e

nada há de errado ou de inferior, [...] o contato com outras variantes pode nos fazer mudar traços de nosso próprio falar” (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009, p. 25), o social é o fator de motivação.

O falar é o meio pelo qual o indivíduo expressa suas opiniões e pontos de vistas, e seu modo de falar é característico de sua região, classe, escolaridade, dentre outros fatores, “ter nascido e vivido na zona rural (ou numa cidade pequena) ou ter sido criado numa grande metrópole são fatores que influenciam muito a visão de mundo da pessoa, suas crenças e valores, sua relação com o meio ambiente e, é claro, seu modo de falar a língua” (BAGNO, 2007, p. 55).

As sociedades têm divisões de classes sociais, e a linguagem dos indivíduos também é afetada; assim, o falar é de acordo com o ambiente em que o falante nasceu, cresceu e vive, por isso existem variedades linguísticas, pois há muitos modos de falar uma língua (BAGNO, 2007). Precisamos considerar ainda que, “dessa etnodiversidade amazônica de grupos indígenas e ibéricos, herdamos muitos valores culturais diferenciados e contraditórios de crenças, falares, mitos, lendas” (BENCHIMOL, 2009, p. 21).

O fenômeno caracterizado pela fala diferente da tida como padrão, e que reflete a cultura de um grupo, recebe o nome de Variação Linguística, a qual “se refere ao alcance das diferenças entre as línguas do mundo. O estudo desta variação é um ramo da linguística” (Sá, 2007, p. 23). A variação acontece em todas as línguas, independente do período histórico, e se manifesta no âmbito da sociolinguística (SÁ, 2007). Para Bagno (2007), a variação linguística é uma rede de consequências sociais, culturais e ideológicas que ela faz surgir nos grupos sociais, é um fenômeno presente em todas as linguagens, e pode ser influenciada por inúmeros fatores.

Sá (2007) aponta quatro fatores de variação: a diacrônica ou histórica, a geográfica ou espacial, a social e a estilística. A diacrônica ou histórica trata das diferenças de variações de fala de indivíduos de épocas diferentes, como por exemplo, o português arcaico, do português moderno. A variação geográfica trata das diferenças conforme as regiões, “ocorrem no plano horizontal da língua, sendo comumente chamadas de dialetos ou falares locais” (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009, p.14). A variação social se volta para as diferenças de cultura e hábitos de comunidades, bem como de conhecimentos e organização, ocorrem no plano vertical, decorrentes de classe social, sexo, faixa etária, grau de escolaridade, dentre outros (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009).

A variação estilística trata do modo como o falante se comporta conforme as situações que vivencia, ou seja, há ambientes que pedem uma linguagem mais formal e outros não.

Assim, essas diferenças podem estar na pronúncia dos sons, na construção sintática e no uso vocabular. A variação linguística abarca todas as linguagens, não é estática e sofre forte influência de fatores sociais e cada fenômeno tem uma explicação, ou seja, nada na língua é por acaso (BAGNO, 2007).

Os itens língua, fala e variação linguística são essenciais para a análise de nossa temática, pois sem as definições e compreensão dessa área, o estudo ficaria com lacunas, pois a língua é característica de um grupo, também é um meio de comunicação e uma fonte de estudos. A fala é mais específica dos sujeitos, mas traz traços que revelam a identidade e cultura de um indivíduo, e a variação linguística acontece em todas as línguas, independente de classe social, está sempre em transformação, acompanhando as vivências do meio em que o indivíduo se encontra; dessa forma, as histórias de vidas trazem a fala localizada dentro de uma variação e, conseqüentemente, de uma língua vivenciada em comunidade social e culturalmente.

1.3 ANÁLISE LINGUÍSTICA: ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS

Ao narrar, o falante se utiliza do léxico e da gramática da língua, mesmo que não conheça as nomenclaturas oficiais, portanto, “a forma com que o falante organiza seus enunciados compõe o sentido dos enunciados, ora tomando referências linguísticas, ora ressignificando as palavras usadas” (FARIAS, 2010, p. 26).

Os estudos sociolinguísticos “têm sido usado para conceituar o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, é um campo de investigação que descreve todas as áreas da relação entre língua e sociedade” (SÁ, 2007, p. 39), porque, segundo Bagno (2014), há influência de ambas as partes, porque a mudança linguística, a variação, é resultado da interação intensa e permanente dos fatores socioculturais e sociocognitivos, pois, a sua difusão e implementação é vinculada à história social dos sujeitos falantes de uma língua.

Mas o que seria a análise linguística? São trabalhos que pretendem “mostrar como se constituem e como funcionam as línguas, sem interesse em indicar como devem ser, ou seja, trata-se de uma descrição linguística” (BEZERRA, REINALDO, 2013, p. 13). Carone (1994) complementa que a análise é um método cartesiano em que o objeto é decomposto em partes, sem quebrar a relação que liga as partes num todo organizado, “a descrição de uma língua, que é um objeto como qualquer outro, é feita pelo método de análise, a partir de um dado concreto da realidade (oral ou escrito)” (CARONE, 1994, p. 14).

Precisamos considerar ainda, que além da formação sociocultural, há outros fatores que influenciam o uso da variedade, como os elementos da cultura, ainda os fatores sociais de sexo, de idade, de escolaridade, de classe social, de profissão, conforme aponta Farias (2010). Estes fatores são considerados na análise linguística, pela relação apresentada entre linguagem e sociedade, dentro do campo da sociolinguística, considerando que “o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada. Assim, as variáveis linguísticas podem ocorrer no plano fonológico, morfossintático e semântico” (FARIAS, 2010, p. 47).

O primeiro trata dos relacionados aos sons da língua, das diferenças entre fonemas, ou seja, se direciona à pronúncia (BAGNO, 2014). O plano morfossintático envolve a Morfologia e a Sintaxe da língua, aquela trata dos vocábulos sua formação, estrutura, flexão e classificação (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009). A Sintaxe trata das construções das frases, desde a disposição das palavras à organização destas, assim, o campo da Morfossintaxe envolve desde a formação de morfemas à composição de discursos. Já o plano semântico diz respeito à mudança de sentido que as palavras sofrem ao longo do tempo, é a ciência do significado (HENRIQUES, 2009).

Em relação à Morfologia, esta “preocupa-se não só com a estrutura e a formação de palavras, mas também com suas flexões e classificação. Uma análise morfológica contempla, portanto, os aspectos formais das palavras” (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009, p. 29). Quanto à Sintaxe, esta é voltada para “a parte da gramática que estuda as relações que se estabelecem entre as palavras ou os conjuntos de palavras de uma frase ou sentença” (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009, p. 47). Já a Morfossintaxe é a junção destes dois níveis, “essas duas partes da gramática se encontram em muitos pontos, pois os valores associativos (morfológicos) se inserem em enunciações lineares (sintáticas), o que comprova a existência de um vínculo inegável entre elas” (HENRIQUES, 2009, p. 19).

Assim, a análise morfossintática analisa as orações tanto em termos morfológicos quanto sintáticos, na primeira analisam-se as palavras individualmente, ou seja, as palavras isoladas, sem as ligar aos outros termos da oração. Já na segunda é voltada para a análise da relação das palavras em conjunto, ou seja, a função de cada uma na formação da oração apresentada, já que a área da Morfossintaxe “é o estudo das palavras nos aspectos morfológico e sintático, simultaneamente” (SILVA, 2002, p. 53).

Analisar morfossintaticamente os falares dos usuários de uma língua é voltar-se para os conhecimentos gramáticos nestes dois níveis, o da morfologia que trata da formação de palavras e da sintaxe que se volta para as relações das palavras. Em relação a essa pesquisa, as orações a serem utilizadas estão nas histórias de vida coletadas, um dado concreto da

realidade oral e também escrito, obtido por meio de entrevista, em que os falantes entrevistados fazem uso de uma linguagem do dia a dia, o que possibilita conhecimentos sobre esta variação linguística da Língua Portuguesa.

Portanto, a análise linguística nos aspectos morfossintáticos é direcionada, nesta pesquisa, à variação da linguagem utilizada por moradores do Andirá, ou seja, uma variação morfossintática que mostra usos diferentes da linguagem dentro de um grupo social. Assim, os estudos dos aspectos morfossintáticos trata dos diferentes usos dos recursos gramaticais realizados por um grupo (MEIRA, AMORIM, 2014). Neste caso, dos moradores de comunidades tradicionais do Andirá, Santa Tereza e Granja Ceres, formadas por hibridações de grupos sociais.

CAPÍTULO II: CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA

Este capítulo trata dos caminhos percorridos para efetivação de nossa pesquisa. Para isso, descreveremos o passo a passo da investigação realizada. Os principais teóricos que embasam esse capítulo são Gil (2008); Chizzotti (2010); Paiva (2019); e Severino (2013). Para melhor compreensão, organizamos o capítulo em tópicos e subtópicos, tais quais serão descritos a seguir:

2.1. TIPOS DE PESQUISA

A pesquisa apresentada é significativa, pois eu, Inês Pedreno, sou descendente das hibridações de negros, espanhóis e indígenas Sateré Mawé, sou moradora da comunidade quilombola do Distrito de Santa Tereza do Matupiri, onde meus pais e avós residem. Raimunda Cândida é minha tia-avó paterna, já Adelino Pereira é meu avô materno.

O trabalho de pesquisa seguiu a ordem qualitativa, isso se deve, porque neste tipo de pesquisa se “pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem” (CHIZZOTTI, 2010, p. 28). E envolve oralidade e tradição oral, através das narrativas de trajetórias de vida de moradores de comunidades tradicionais do Andirá.

As narrativas foram submetidas à análise descritiva, “o método cartesiano de conhecimento, que consiste em decompor um todo em suas partes, sem perder de vista a relação que elas mantêm entre si” (CARONE, 1994, p.13). Desta maneira, as palavras são trabalhadas isoladamente e também dentro de seu conjunto na oração, como uma composição e decomposição das relações estabelecidas, assim, analisar é descrever.

O método de abordagem empregado foi o etnográfico, o qual “busca construir conhecimento sobre a cultura de uma comunidade a partir do ponto de vista de seus membros. Para tanto, o pesquisador observa e ouve os participantes e inclui vozes no relato de pesquisa” (PAIVA, 2019, p. 81). Trata sobre a vida cotidiana dos sujeitos, o contexto cultural, o estado natural do fenômeno, onde o pesquisador, “é, ao mesmo tempo, um observador e um participante da comunidade, pois está sempre em interação com a comunidade pesquisada” (PAIVA, 2019, p. 81).

Usamos a pesquisa bibliográfica "desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (GIL, 2008, p. 50), os quais direcionados à oralidade, tradição oral e variedade linguística, contribuem para a pesquisa. Segundo Gil (2008, p. 50), "a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de

permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Além da leitura de livros e obras concernentes à temática, a pesquisa documental foi necessária para a compreensão da história de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O procedimento de coleta foi a pesquisa de campo, onde "o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observado, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador" (SEVERINO, 2013, p. 107). Desta forma, obtendo informações diretamente do meio em que se pretende pesquisar, segundo Gil (2008, p. 57), no "estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes".

Já a técnica da entrevista, corresponde à "técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. [...] O pesquisador visa a apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam" (SEVERINO, 2013, p. 108), voltada para as trajetórias de vidas, envolvendo memórias e tradições de seus antepassados. A entrevista "é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação" (GIL, 2008, p. 109). Diante destes guias metodológicos, as etapas da pesquisa acompanharam uma ordem, a seguir disposta:

1. Leituras e fichamentos de obras para entender os termos e ter conhecimento sobre o material que seria trabalhado, tanto sobre histórias, memórias e linguagens, quanto variação linguística e morfossintaxe;
2. Visita a campo para coleta dos documentos e realização das entrevistas;
3. Registros das trajetórias de vidas dos personagens e relato etnográfico das comunidades de Granja Ceres e Santa Tereza do Matupiri;
4. Percepção das formas contidas nas falas de Adelino Pereira e Raimunda Cândida Pedreno, verificando as características mais evidentes e se há influências dos seus antepassados, da região, do trabalho e da família na formação e variação da linguagem dos sujeitos;
5. Análise morfossintática da variação linguística observadas nas histórias de vidas dos sujeitos da pesquisa;

Ainda utilizamos como técnica de pesquisa a Memória, por se tratar de histórias de vidas, em que os sujeitos voltam ao passado para narrar suas vivências, usando a memória que construiu e a que lhe foi repassada. Também fizemos uso da História Oral, que parte de

entrevistas de pessoas testemunhas de acontecimentos seja do passado ou presente, ainda segundo Alberti (2008), que se utiliza de outras disciplinas. E a Biografia é uma fonte de estudos, mostrando características dos grupos, trazem informações de comportamento, em que o sujeito narra suas vivências e experiências passadas. Fizemos uso destas três técnicas na pesquisa por serem de fundamental importância para a coleta dos dados necessários ao bom desenvolvimento da investigação.

Isto posto, também foram realizados os processos de descrição de acordo com os objetivos propostos na pesquisa sendo que "pesquisar em fontes arquivísticas implica, necessariamente, sua transcrição, integral ou parcial, para posterior uso" (BACELLAR, 2011, p. 62). E assim poder compreender as representações de personagens relevantes, suas trajetórias históricas, suas referências através da análise linguística desta variação, nesta pesquisa optamos por abordar somente a análise morfossintática das falas dos sujeitos investigados.

2.2. DA PRODUÇÃO DE FONTES NOS CONTEXTOS DA PESQUISA:

2.2.1 FONTES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

A pesquisa inscreve-se num contexto maior de estudos sobre as comunidades quilombolas do rio Andirá, encampadas no âmbito do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB. Surgiu através do desenvolvimento do projeto "*Rastros de Histórias no Baixo Amazonas, fins do século XIX e início do XX: catalogação e descrição de arquivos familiares*", do Programa de Iniciação Científica (PAIC 2019-2020), da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

Teve como orientadores dois professores doutores do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins. Foi um projeto voltado a identificar grupos específicos que adentraram o rio Andirá e aportaram em lugares, onde hoje se encontram comunidades, é o caso dos Pedrenos na Granja Ceres, dos Pontes no Pirai e dos quilombolas de Santa Tereza do Matupiri. A seguir apresentamos os caminhos percorridos naquele contexto.

As primeiras fontes documentais estavam armazenadas no NEAB e GEHA, a entrevista em vídeo e em áudio de Raimunda Cândida Pedreno e os documentos eclesiais (batismos e casamentos), referentes à paróquia de Nossa Senhora do Bom Socorro de Barreirinha, do período do século XIX-XX, reunidos em arquivo fotocopiado.

Foram necessárias leituras teóricas prévias sobre acervos documentais, como o livro "Memória e sociedade: lembranças dos velhos", onde Bosi trabalha principalmente a valorização do velho, mostrando que "a velhice é uma categoria social" (BOSI, 1995, p. 77). Sobre imigração foi o livro de Emmi "Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950)", direcionada aos Pedrenos espanhóis.

Em 2019 foi realizada uma visita a campo às comunidades da Granja e do quilombo de Santa Tereza. Naquele contexto foram coletadas fotos e entrevistas com Adelino Pereira e os irmãos e cunhado de Raimunda Cândida Pedreno. As etapas desta fase foram elaboradas segundo procedimentos da metodologia da História Oral (ALBERTI, 2008).

As fontes eclesiais foram divididas por categorias de sobrenomes, bem como por comunidades do Andirá, indo da "Barreira do Andirá", na parte "de baixo", até a Área Indígena Sateré Mawé, na parte "de cima". Separadas em arquivos paroquiais, familiares, de tradição e costumes, procurando se havia relações entre os grupos sociais. O nosso acervo de fontes foi formado a partir das transcrições das entrevistas, seguindo técnicas da metodologia da História Oral (MEIHY, 2005).

Tomando por base os documentos adquiridos, percebemos a presença de judeus, de espanhóis, portugueses, japoneses e angolanos, nessa região. Conforme Sá (2017, p. 18), "a estrutura social, resultante da cosmovisão de um povo, pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua", por este motivo há a presença de palavras de outras línguas, adaptadas ou não à fala dos indivíduos moradores destas comunidades.

Em 2020, o projeto foi renovado, com o nome de "*Identificação, catalogação e descrição de arquivos paroquiais, cartoriais, familiares e jornais que configuram imagens do rio Andirá, séc. XIX-XX*". Voltado a leituras e fichamentos de obras que tratam de memória, oralidade, história, tratamento de fontes, e sobre identidade, conceitos dados por Nora (1993), Motta (2003) e Pollak (1989, 1992).

A terceira fase do projeto (2021-2022), "*Imagens do rio: uma análise das paisagens socioculturais e étnico raciais do Andirá (XIX-XX)*", voltou-se para a verificação das imagens formadas a partir dos documentos colhidos e sua organização. Para enriquecimento e contribuição teórica foi feita a leitura de "*Amazônia- formação social e cultural*", de Benchimol (2009), que trata dos grupos sociais que configuram a Amazônia, mostra as assimilações destes, não somente na cultura e costumes, mas também na linguagem.

Seguindo, continuamos a transcrição de documentos paroquiais relativos à "Freguesia do Andirá", "Barreira do Andirá" e a sobrenomes portugueses (Andrade e Carneiro) e

estrangeiros. Após foram inauguradas novas preocupações a partir dos contatos com a orientadora do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), quando se desenhava a necessidade de problematização dos acervos para dar conta de questões específicas da pesquisa monográfica. Nesse sentido, foram necessárias novas leituras, organizando as bases teóricas importantes para a análise morfossintática das histórias de vidas desses sujeitos.

2.2.2. DOS PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS.

O primeiro passo da pesquisa foi a atividade de procura de estudos sobre a temática, seguida de leituras e fichamentos. Foram feitas as definições das palavras-chave como memória, história oral, fala, variação linguística, entre outros. Esses estudos do ramo da história, da memória, da linguística e da sociolinguística são importantes para sustentar a temática trazida de que a análise morfossintática de histórias de vida de dois moradores do Andirá, trazem características envolvendo a formação das comunidades em questão, abarca a história e memória deste povo, construindo identidades e a valorização dos mais velhos.

A Amazônia é múltipla, carrega traços da miscigenação de povos que vieram ocupá-la, na área do Andirá, não foi diferente, sua ocupação ocorreu por volta do final do século XIX, e ao longo deste período os lugares foram incorporando grupos sociais, formando comunidades. É o caso de Santa Tereza, a qual segundo a tradição oral, teve início com o casamento da indígena Sateré Mawé, Gerônima, com o quilombola Benedito, negro angolano. Inclusive, a história oral vai ao encontro da "verdade de quem presenciou um acontecimento, ou que pelo menos dele tenha alguma versão que seja discutível ou contestatória". (MEIHY, 2005, p. 163).

A comunidade de Granja Ceres e o distrito quilombola de Santa Tereza mantinham relações no passado, seja de trabalho, de casamento, ou apadrinhamento, da mesma forma as narrativas se interligam. Outros constituintes são os fragmentos, a reconstituição de lugares, esta pesquisa foi pautada pela metodologia da "história oral", especificamente para a história oral de vidas de dois moradores do Andirá, uma modalidade que dentre outras coisas, "coleta as informações de vida pessoal de um ou vários informantes. [...] Em que se possam expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos" (SEVERINO, 2013, p.109).

Trajetoórias de vidas envolvem a história oral "uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber" (DELGADO, 2003, p. 23). Assim, consideramos que a linguagem traz elementos significativos, por ser influenciada pelo meio, "esta ligação entre a língua e os valores sociais

decorre justamente da maneira como a língua é usada na comunidade, e das escolhas que esses falantes fazem quando se comunicam” (SÁ, 2007, p.18).

Fazer uso da história oral nessa proposta permite ainda, "o registro de testemunhos e o acesso a 'histórias dentro da história' e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado" (BORGES, 2008, p. 155). Tendo em vista que a história oral de vida é uma "narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa" (MEIHY, 2005, p. 147), envolvendo seu grupo, carregando uma identidade, presente na sua fala e nas histórias.

Os indivíduos da pesquisa pertencem a grupos descendentes de angolanos e espanhóis, achegados e fixados na região, partindo deste pressuposto, consideramos que, tanto a cultura e a linguagem passaram pelo processo de hibridação, “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINE, 2013, p. 9).

A entrevista foi utilizada para a coleta do material, "técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. [...] O pesquisador visa a apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam" (SEVERINO, 2013, p. 108). Voltado para as trajetórias de vida, envolvendo memórias e tradições dos antepassados, desta forma, "há algumas categorizações que facilitam o entendimento da memória como fenômeno social e de implicações históricas" (MEIHY, 2005, p.64).

A categoria da entrevista tem a memória e a identidade como elementos essenciais, e por meio desta, “pode-se perceber as formas de organização das narrativas, que sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração da memória e suas relações com a identidade" (MEIHY, 2005, p.59), assim informando sobre a ocupação da região, a criação de comunidades e as relações estabelecidas no Andirá.

Para as entrevistas foi elaborado um roteiro com perguntas temáticas, buscando informações de acordo com o parentesco, considerando que, "por meio de entrevista pode-se perceber as formas de organização das narrativas, que sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração da memória e suas relações com a identidade" (MEIHY, 2005, p. 59).

As entrevistas foram realizadas durante a visita a campo, com os sujeitos irmãos de Raimunda Cândida, feita também com o cunhado dela, que junto a uma Pedreno, protagonizou um casamento interétnico. Para Adelino Pereira foi voltado para sua trajetória de vida. Meihy (2005, p. 125) aponta que, "o uso da entrevista em história oral visa registrar o

significado da experiência pessoal ou do grupo” (2005, p. 125), sendo relevante para a pesquisa.

Não tem como falar em histórias de vida sem tocar na biografia, que diz respeito à “necessidade de pensar um indivíduo em sua trajetória, suas origens, sua personalidade, e seu contexto” (BORGES, 2008, p. 211). É desvendada por meio de entrevista sobre a vida de uma pessoa, isto envolve a memória e tradição oral familiar, também objetos e materiais, “a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. [...] tem sido considerada uma fonte de conhecimento do ser humano” (BORGES, 2008, p.215).

A partir das entrevistas, as biografias são construídas, utilizando as contribuições de cada narrativa, "a ordem cronológica com que se organizam biografias imprime à vida uma lógica retrospectiva e prospectiva, preocupada em dar um sentido à existência" (ALBERTI, 2008, p. 169-170). Importante mencionar na Granja a constituição da primeira escola, tendo como professora Raimunda Cândida Pedreno.

A biografia dos sujeitos mostra informações sobre o lugar, a família, enriquecidas por outras narrativas, utilizando a história oral, tendo vantagem, pois "deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu" (ALBERTI, 2008, p. 170). Através das transcrições das entrevistas tivemos acesso a aspectos linguísticos, além das informações históricas da memória coletiva que atravessam essas narrativas.

O fenômeno da hibridação tão característica brasileira ocorreu ao longo dos seus estados, e no interior destes, assim a linguagem também é resultado desta mistura de povos, línguas e culturas, “dessa etnodiversidade amazônica de grupos indígenas e ibéricos, herdamos muitos valores culturais diferenciados e contraditórios de crenças, falares, mitos, lendas” (BENCHIMOL, 2009, p. 21).

Neste estudo, a memória "é fundamental também para confirmar o presente, pois sem ela não podemos garantir as regras da vida social que se baseiam em repetições de atitudes definidas no passado" (MEIHY, 2005, p.75), através das narrativas chegam a nós personagens, paragens, lugares e eventos desenhados quando o entrevistado narra sua vida.

Para a análise, compreensão e verificação desta variação, bem como suas regras, foram seguidos os seguintes passos, conforme a sociolinguística, “primeiramente o levantamento de dados da língua falada, os quais refletem o vernáculo da comunidade; posteriormente a descrição da variável, tendo em vista o perfil completo das variantes que as

compõem e, em seguida, a análise dos fatores linguísticos que influenciam” (MARTINS; MARTINS; ARAÚJO, 2019, p.163).

Não se pode deixar de mencionar a tradição oral, do imaginário e da memória destes sujeitos, por ser um meio de relatar sobre o passado distante do qual lhe foi transmitido e que agora reconta, "uma das mais complexas e raras expressões da história oral é a tradição oral. Por trabalhar com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais assegurados por referências ao passado remoto" (MEIHY, 2005, p. 166).

Ainda, a oralidade é um elemento presente, onde os sujeitos rememoram o que ouviram e presenciaram, sobre si, sua família e comunidade, contando sua versão, pois, "em estado de oralidade, a memória é sempre dinâmica e mutável, sujeita às vicissitudes das circunstâncias. Sempre mudamos nossa forma de recordar e montamos esquemas narrativos dependentes de fatores externos a nós mesmos." (MEIHY, 2005, p. 77).

A atividade da oralidade requer um esforço do lembrar, tocando na memória, "através da ativação, espontânea ou não, do ato de relembrar os homens podem: reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias" (DELGADO, 2003, p.15). Assim, uma história de vida envolve o grupo social do indivíduo, aponta tradições, costumes e saberes característicos de sua comunidade, pois a história oral é sempre social, por somente se explicar na vida comunitária (MEIHY, 2005).

Desta forma, após a transcrição das entrevistas, as frases foram analisadas nos seus aspectos morfológicos e sintáticos, buscando verificar a sua organização. Levando em consideração que, Raimunda Cândida Pedreno descendente de espanhóis é do sexo feminino, escolarizada em português e espanhol, foi professora. E Adelino Pereira é do sexo masculino, aprendeu a ler e escrever nas horas vagas do trabalho, trabalhador braçal, descendente de angolanos que foram trazidos pelos portugueses para a região do Andirá.

A comparação e análise de documentos que fazem referência aos grupos sociais e étnicos, sobre a ocupação da Amazônia, junto com as narrativas orais, indicam processos, além de evidenciar informações desconhecidas ou mal compreendidas. Por meio destas narrativas da história oral de vida de Adelino Pereira e Raimunda Cândida, chegam a nós as vivências do cotidiano, das tradições orais, das histórias da memória (BORGES, 2008).

A análise nos permite conhecer os falares de uma comunidade, os meios pelos quais os moradores interagem e exercem a comunicação, sendo que os moradores são descendentes de grupos sociais diversos fixados no Andirá, onde o processo de hibridação ocorreu, configurando o rio como pluriétnico, quando um dos fatores hibridados é a linguagem. A

pesquisa sobre esta variante linguística foi para verificar quais as características mais evidentes, em que contextos ocorrem e refletir sobre esta variação na fala dos sujeitos.

CAPÍTULO III: ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DAS FALAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

As comunidades de Granja e o quilombo de Santa Tereza do Matupiri pertencem ao município de Barreirinha e se encontram às margens do rio Andirá, na região Norte. O seu processo de ocupação teve início, segundo a tradição oral, no final do século XIX e início do XX, nesse período acolheu grupos sociais de outros países (portugueses, espanhóis, holandeses, angolanos, dentre outros), e também de outras regiões do país, esses encontros modificaram a região, fisicamente e culturalmente. Neste capítulo, analisaremos e descreveremos as falas dos sujeitos desse estudo, contextualizando-os às áreas de estudo. Os principais teóricos utilizados foram Rocha (2019); Gil; Cardoso; Condé (2009); Farias (2010); Bagno (2014); Amaral (2020); e outros que tratam da temática ora apresentada. E o capítulo foi organizado em tópicos e subtópicos, apresentados em seguida.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO COM AS ÁREAS DE ESTUDO

3.1.1 ANDIRÁ, CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL PLURIÉTNICA

Os sujeitos que sustentam com suas falas a pesquisa nasceram na região do Andirá, próximo ao município de Barreirinha. Ao longo deste rio, podem ser encontradas comunidades e vilas, com seus descendentes de indígenas Sateré Mawé, de portugueses, de judeus, de espanhóis e negros angolanos, em relação a este fato é que lhe confere a nomeação de rio pluriétnico (ROCHA, 2019), porque os povos aqui achegados foram diversificando sócio e etnicamente o rio.

Na Amazônia, o rio é a estrada que liga os moradores, sendo importante meio de deslocamento de pessoas e de escoamento de mercadorias. Em conjunto com a floresta, o indígena e o quilombola desenvolveram habilidades, pois “o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta” (BENCHIMOL, 2009, p.17).

À medida que novos grupos sociais chegavam, os indivíduos foram se incorporando aos povos da floresta, houve uma adaptação, uma assimilação, como aponta Benchimol¹ (2009). No decorrer do tempo, as tradições foram se assimilando, passadas de geração para

¹ Livro Amazônia: formação social e cultural, Benchimol 2009, p. 17.

geração, presentes nas festas e rituais das comunidades que guardam na memória dos seus, tradições, cultura e história dos antepassados.

Devido à guerra, à seca, à miséria, a floresta amazônica foi a esperança de uma nova fase. Na “era da Borracha” (final do século XIX), recebeu uma grande quantidade de nordestinos, assim esta região foi sendo descoberta, seus recursos sendo explorados, da mesma forma que sua gente. A seguir tratamos sobre a etnografia das comunidades dos sujeitos da pesquisa.

3.1.2 ETNOGRAFIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE “SANTA TEREZA DO MATUPIRI”

As duas comunidades tratadas ficam às margens do Rio Andirá, são locais de memória e são personagens presentes nas suas trajetórias de vida. Prosseguindo trataremos de cada uma delas num relato etnográfico. Estas localidades ficam no município de Barreirinha, distante 330 quilômetros da capital Manaus em linha reta. A seguir, apresentamos o mapa do Relatório Antropológico do Projeto Mapeamento Social, de acordo com Almeida (2014):

Figura 1: Mapa do território Quilombola



Fonte: Almeida/2014.

Este mapa mostra o território quilombola que vai do Núcleo da Págoa, próximo à comunidade Granja Ceres, até a “Cabeceira das Formigas” próximo ao Distrito de Pirai. Este território foi demarcado dando às comunidades o título de quilombolas, um importante marco para os ribeirinhos descendentes de negros angolanos que foram trazidos à região, este reconhecimento e demarcação de terras garante o acesso à terra, como forma de identidade.

Adelino Pereira é morador da comunidade quilombola de Santa Tereza do Matupiri, no município de Barreirinha, na área de cima, subindo o rio. Cercada por seis cabeceiras: *a) Cabeceira da Campina; b) a Cabeceira Grande; c) a Cabeceira do Inferno; d) a Cabeceira do Chapeleirinho; e) Cabeceira da Manteiga; e f) Cabeceira do Ariúna*. Nessas cabeceiras há os chamados pelos moradores locais de “lugares velhos”, fazendo menção às casas dos antigos moradores.

Santa Tereza tem por vizinhos as comunidades Vila de Boa Fé, Ituquara, São Pedro, Trindade, São Paulo do Açú, Pagoa e Granja. À primeira vista de quem chega há a *Ponta*, onde se deu o início do distrito. Existe ali a capela de São Sebastião, próxima ao museu e a um barracão de danças e reuniões. Na temporada da seca surge a praia de São Sebastião, seguindo, vem o campo de futebol “Manoel Pereira”, perto do cemitério antigo, nesta área ainda se encontra a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Há uma Unidade Básica de Saúde (UBS) “Silvestre Rodrigues da Costa”, depois vem a escolinha “Santa Tereza” direcionada às crianças do maternal, em frente ao porto, próxima à sede comunitária “Sinésio Alves”. Em seguida, há o campo de futebol “Antônio Belém”, frente à igreja da padroeira “Santa Terezinha do Menino Jesus”, cercada por uma praça, ao lado do Centro Cultural “Márcia Pedreno Viana”.

Neste local ainda tem o poço artesiano de abastecimento de água, o cemitério atual e uma quadra feita por professores e comunitários, pertencente à escola. A outra escola é um prédio maior, inaugurada em 22 de junho de 2012, tendo um quadro de funcionários que atendem ao Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos), possuindo acesso à internet por meio de wi-fi.

Quanto à fundação da comunidade, foi relatado que, Benedito Rodrigues da Costa foi trazido pelos portugueses para a região do Andirá, junto com seus irmãos Maria, Francisco e João, este foi a uma festa no lugar onde agora é o Distrito de Santa Tereza, lá se encantou por uma moça indígena denominada Gerônima, a quem prometeu retornar e casar. Tempos depois como prometido, retornou, casaram e tiveram cinco filhos, Manoel, Silvério, Cristina, Francisco e Pedro, concebendo ainda com Maria Albina de Castro, uma menina, por nome Maria Tereza². Tomando por base o depoimento de Adelino Pereira, filho de Pedro e Mariana Trindade, devido ao aumento das famílias na *Ponta*, os comunitários se reuniram e fizeram um puximum para derrubar a mata e dar lugar a novas casas, dividindo os terrenos entre as famílias recém-formadas.

² Baseado nas narrativas de Adelino Pereira de Castro. Para maiores detalhes ver Ranciaro (2016, p. 58); e Rocha (2019, p. 123).

Esta foi elevada à categoria de Distrito em 30 de abril de 2010, pela Lei Municipal nº 096/2010, teve por mentor o vereador Branco Baraúna. Possui atualmente divisão em três bairros, Centro, Pedra Branca e Santíssima Trindade e ruas nomeadas fazendo referência aos antigos moradores.

O distrito dispõe de energia elétrica pelo programa “Luz para todos” e água encanada, sem saneamento básico e lixeira. Seus moradores vivem, além do funcionalismo público, da pesca, caça, plantio de roça de mandioca [*Manihot Esculenta*], de tubérculos, frutas e verduras, além da criação de animais para consumo próprio e também para vender. Retiram da floresta os materiais para fazer artesanato e teçumes, o tipiti de espremer massa de mandioca, a peneira para passar, os cestos e outros materiais, assim como madeira para o remo, o tarú (remo feito para mexer farinha), o casco e as sementes. As casas em grande parte são feitas de madeira, os quintais são abertos, as mangueiras despontam. A base da alimentação é a farinha de mandioca, tendo a cozinha comunitária para este fim, produzem também beijus, massas, e bebidas.

O distrito tem atualmente como presidente de base administrativo Sidney Trindade Castro, na coordenação da igreja está Janete Santos e da Federação Quilombola, João Xisto de Castro Neto. A fundação da Federação das Organizações Quilombola do Município de Barreirinha - FOQMB, ocorreu em 16 de fevereiro de 2009, depois de lutas e engajamento dos comunitários³. Fazem parte dela as comunidades quilombolas de Santa Tereza, Boa Fé, Ituquara, São Pedro, Trindade e seus respectivos núcleos: São Paulo do Açu, Pagoa, Lírio do Vale e São Marcos.

Na cultura, há a festa de “São Sebastião” em janeiro, quando são rendidas homenagens ao santo padroeiro dos quilombolas, tendo danças como “o gambá” e “a onça te pega”, ainda levantamento e derrubada dos mastros, segundo a tradição local. Pela ocasião da Semana Santa, são feitos os “Judas”, bonecos feitos de panos e outros materiais, estes são deixados pelas ruas, a partir da quinta-feira santa, quando iniciam as cantorias dos mortos, ocorrendo também na sexta-feira santa.

A festa da “Santíssima Trindade” pode ocorrer em maio ou junho, já em outubro, tem a de “Santa Tereza do Menino Jesus”, com novenário, procissão, e afins. O Festival de Verão acontece em novembro onde também são feitas palestras e diálogos sobre a Consciência Negra concentrados na praia de São Sebastião na Ponta.

³ Ranciaro (2016, p. 125).

Dentre os problemas, temos os dos fazendeiros que tomaram posse de boa parte dos terrenos, outra questão é o alcoolismo, assim como outras drogas. Na saúde conta com agentes comunitários de saúde (ACS) que auxiliam no que podem, tendo uma voadeira destinada a levar pacientes graves à sede do município, a “ambulancha”.

Para o deslocamento, a partir da cidade de Barreirinha há barcos que fazem o transporte de passageiros, levando em torno de quatro horas de viagem, os que têm condições vão de voadeira⁴ ou rabeta⁵, por ser mais rápido. De moto ou motocar pela estrada de terra do “Madá” que corta a mata, é possível chegar ao “Distrito de Freguesia do Andirá”.

Santa Tereza é o centro das comunidades quilombolas do Andirá, possuindo 142 famílias, contabilizando 621 indivíduos, com o maior número de remanescentes quilombolas, carregando traços dos antigos negros angolanos trazidos por volta do final do século XIX, deixando suas danças, costumes, cultura, tradições e linguagens características do local onde nasceu Adelino Pereira, indivíduo desta pesquisa.

3.1.3 ETNOGRAFIA DA COMUNIDADE DE "GRANJA CERES"

A comunidade de Granja Ceres se localiza às margens do rio Andirá, em uma ponta de terra, na “boca” de uma cabeceira chamada “Acurau”, na margem esquerda do rio Andirá, na parte em que se alarga a uma boa distância, sendo denominado de “Andirazão”, fica próxima a cinco ilhas.

As comunidades vizinhas são o núcleo quilombola da “Pagoa”, também chamada de “Manaus”, a vila “Tucumanduba” e o “Distrito de Freguesia do Andirá e Santa Tereza”. Em destaque está a casa grande, onde a família Pedreno morou, uma construção antiga, datada de antes de 1972, quando os Pedrenos chegaram, tinha cobertura de palha e ariada com barro. Ao longo do tempo recebeu modificações. Pela janela alta do casarão a vista é bem ampla, o vento bate constantemente, no período da seca a praia desponta enorme em frente à casa. No corredor há armários que guardam livros, aparelhos televisivos, seringas, binóculos, um dos armários fica dentro da parede, na porta possui pinturas de como era aquele local. Há um relógio antigo que ainda funciona, no corredor há um monte de livros, pesos, balanças, entre outros objetos, coisas antigas e empoeiradas. Seguida da cozinha com uma mesa grande, atrás do casarão fica a caixa d’água, a sua última moradora foi Raimunda Cândida Pedreno, ou “Paquita”, como era mais conhecida.

⁴ Lancha motorizada.

⁵ Canoa motorizada.

Um pouco atrás do casarão e da caixa d'água, tem a casa do senhor Carlos Pedreno, filho de José Pedreno, na frente da casa deste, ficava o moinho de cana. Ao lado tem a casa de farinha, no porto dos fundos ficam os barcos, os cascos, canoas e voadeiras, bem como os berçários de quelônios que ainda serão soltos na natureza. Atrás da casa de farinha há mais duas casas, a partir destas e em direção à ponta, ficam as seringueiras e uma castanheira imensa, adiante no tempo da estiagem, surge uma praia comprida, onde é feita a chocadeira dos ovos de quelônios (tracajás [*Podocnemis unifilis*], tartarugas da Amazônia [*Podocnemis expansa*] e pitiús [*Podocnemis sextuberculata*]), sendo um centro de preservação destes animais, uma das praias de desova é chamada de Carioca.

Do lado direito do casarão há outra casa, de madeira, era usada como escolinha, construída em 2006 pelos comunitários, mas agora está fechada. Em frente, próximo à ribanceira tem uma touceira de bambu, e mais algumas árvores. Adiante, a casa do senhor André Pedreno, também filho de José e irmão de Raimunda Cândida. Seguindo, temos a capela de São José, padroeiro da comunidade, festejado no dia 1º de maio, dia do trabalhador, do lado fica o barracão da igreja, onde são feitos leilões, na frente tem o palco de apresentações, ao lado de uma seringueira. Continuando, vem o campo de futebol, ao lado fica o cemitério da família. Na cabeceira do “Acurau” ficam os campos para a criação de gado.

Os moradores possuem água encanada, energia elétrica do programa “Luz para todos”, e sinal de celular, o deslocamento é através de embarcações fluviais, pois não há estradas, nem ruas. Os quintais são abertos, os moradores vivem, além do funcionalismo público, da pesca, caça, coleta de frutos, criação de animais, da plantação, e outros. No lugar já houve diversos tipos de plantações como de açúcar, algodão, café, assim eram oferecidas oportunidades de trabalho para a região. A família também montou um comércio que ofertava mercadorias, além de comprar couro de animais silvestres, frutos como a castanha, dentre outros objetos e materiais.

Constituiu-se a primeira escola em 1968, a qual funcionava na sala do casarão, tendo como professora Raimunda Cândida Pedreno, primogênita de José e Nogilda, que aprendeu a ler e escrever com sua avó paterna, segundo seu testemunho/relato. Quanto à cultura, ocorre em maio a festa do padroeiro da comunidade, “São José”, este foi escolhido em homenagem ao patriarca que lá se aportou. A capela do padroeiro São José foi inaugurada em 2010, antes de sua construção, as missas eram realizadas no casarão, de acordo com os relatos, tendo quando na presença de padres, os sacramentos de batismos e casamentos.

A comunidade recebe o nome de uma deusa grega, da fartura e da fertilidade, dada pelos espanhóis. Segundo a tradição oral, José Pedreno com quinze anos junto de seus pais André e Cândida Pedreno, de três irmãos, Luíza, André e Maria Conceição, chegaram ao local no ano de 1922, vieram somente passear e acabaram ficando.

Estes dois locais aqui descritos, são palco de eventos e servem como personagens nas trajetórias de vidas, sendo “lugares de memória” (NORA, 1994). O nosso estudo parte do princípio de que o Andirá é marcado pela diversidade de grupos socioculturais, segundo Sá (2007, p. 18), “a estrutura social, resultante da cosmovisão de um povo, pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua”. Assim, temos que a linguagem é influenciada pelo social e traz características da história do grupo que o falante faz parte, pois “a linha que conecta os indivíduos entre si é a linguagem, a ferramenta biológica-social que nossa espécie desenvolveu para sobreviver em comunidade” (BAGNO, 2014, p. 14).

Para verificar as especificidades da fala dos moradores de Granja e Santa Tereza, foi preciso transcrever as entrevistas. Os sujeitos trataram sobre a vida familiar, os trabalhos, a educação, entre outros. Segundo Alberti (2008, p. 175), “a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados”. A seguir, trataremos sobre alguns termos que fazem parte de nossa análise.

3.2 MORFOLOGIA, SINTAXE E MORFOSSINTAXE

A pesquisa é voltada para a análise morfossintática da fala dos sujeitos da pesquisa, Adelino Pereira e Raimunda Cândida. Considerando que a área da Morfologia é voltada não somente para a estrutura e formação de palavras, mas também à sua flexão e classificação, assim consideramos, que a análise morfológica diz respeito aos aspectos formais das palavras (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009).

A Morfologia é o ramo direcionado a tratar das palavras, a sua estrutura interna, sendo “o estudo das unidades e dos princípios que regem os morfemas e sua ordenação no vocábulo, seja pela formação de novas bases lexicais, seja pela sua flexão” (HENRIQUES, 2009, p.14), se relacionando com outros ramos da gramática. Ainda podemos dizer que “é a parte da gramática que estuda as formas das palavras, sua estrutura, formação, flexão e classificação. As palavras são formadas pela junção de partes menores, chamadas elementos mórficos” (GARCÍA, REIS, 2001, p. 69), o estudo desses elementos é a análise morfológica.

Esta área da Morfologia discute aspectos como, “a marca de plural no sintagma verbal e sua ausência, o uso de pronomes e suas funções, a formação de palavras a partir de afixos, no português do Brasil” (FARIAS, 2010, p. 100); assim, é uma área que contribui para pesquisas sobre análises de falas. Nas histórias de vida, os entrevistados estão mais voltados a narrar o que viram e viveram, deixando fluir a sua linguagem cotidiana. Leva-se em consideração fatores extralinguísticos como faixa etária e grau de escolaridade, e ainda, a descendência dos sujeitos.

Adelino Pereira de Castro é descendente de negros angolanos, hibridados com indígenas Sateré Mawé, nasceu em dezessete de janeiro de mil novecentos e vinte e sete, morador do quilombo de Santa Tereza do Matupiri, no município de Barreirinha – AM. Possui esposa, filhos, netos e bisnetos, seus pais foram Pedro Marinho e Mariana Trindade, tinha cinco irmãos e três irmãs, já falecidos. Após o falecimento da mãe, foi dado ao seu padrinho para estudar, mas na verdade foi trabalhar, “*eu não estudei, olha, me deram pra mim estudar né! Aí eu cheguei lá [...], foi uma vez*”⁶. Depois de rapaz é que foi aprender, quando trabalhou na Granja, “*mas meu estudo é fora de aula né, eu estudava nas quadras, quando não tava fazendo nada*”⁷. “Por aí” aprendeu a caçar, pescar, fazer farinha, a dirigir, muitas lições que guarda na memória.

Já Raimunda Cândida é descendente de espanhóis com os Sateré Mawé, foi entrevistada em 2016, aos 83 anos, nasceu em nove de março de mil novecentos e trinta e três, moradora de Granja Ceres, município de Barreirinha –AM. Foi casada, mas não teve filhos, somente afilhados, seus pais foram José Pedreno Torres e Astrogilda Pereira dos Santos, teve seis irmãs e cinco irmãos. Aprendeu a ler em casa com a avó paterna, Cândida Pedreno, “*eu estudei aqui em casa né, com minha avó primero, minha avó era espanhola, eu aprendi lê, escrevê, tudo em espanhol*”⁸, depois em português também. Não frequentou escola e por saber “as coisas principais”, matemática e português se tornou professora, “*não fui professora, aquela que se formou lá nos colégios não! Depois que eu comecei a trabalhar como professora, aí apareceu os cursos dos professores não titulados em Barreirinha*”⁷. Sabia atirar, costurar, fazer farinha, mel, açúcar, rapadura, e era meio enfermeira. Após o falecimento do esposo, retorna e permanece na Granja, até seu falecimento.

⁶ Adelino Pereira (Entrevista concedida em 2019).

⁷ Idem.

⁸ Raimunda Cândida (Entrevista concedida em 2016 ao GEHA).

⁷ Idem.

As comunidades da Granja e do quilombo de Santa Tereza trazem as hibridações, estabelecem relações, uma delas é a educação, tanto é que foi a “Velha Cândida” quem ensinou Adelino Pereira e Raimunda Cândida a ler e escrever. E foi com os trabalhadores do “Zé Pedreno” que aprenderam a torrar farinha, pescar, atirar, entre outras coisas.

Temos na pesquisa o ramo da Sintaxe, esta trata das relações estabelecidas entre as palavras ou conjunto de palavras seja de uma frase ou sentença (GIL, CARDOSO, CONDÉ, 2009), bem como a sua disposição e função, ou seja, é o estudo das funções sintáticas das palavras, pois a Sintaxe é definida como “parte do sistema da língua que permite criar e interpretar frases” (AZEREDO, 2000, p. 13).

Este ramo da gramática se direciona à “disposição, função e relação das palavras nas frases; das frases nas orações e das orações nos períodos” (SILVA, 2002, p. 53), ou seja, é o estudo das funções sintáticas desempenhadas pelos vocábulos, inseridos numa estrutura (SILVA, 2002). Dizemos então que trata da criação e interpretação de frases, estas sendo organizadas de forma sintática. A área da Sintaxe estuda, “as construções sintáticas mais usadas pelos falantes do português do Brasil, por exemplo, questão de concordância verbal e nominal, uso de dêiticos como eu, tu, [...], uso do pronome a gente, uso de prefixos e sufixos comuns na linguagem informal” (FARIAS, 2010, p. 100).

Já a Morfossintaxe estuda as palavras tanto no aspecto morfológico quanto no sintático, juntando as duas áreas gramaticais por serem interligadas, mas apresentam distinções, onde suas funções se completam, é uma parte da Linguística que envolve o estudo das formas, ou seja, a Morfologia, e também o das regras combinatórias que regem a formação de sentenças frasais, a Sintaxe.

Podemos acrescentar que a área da Morfologia trata das classes de palavras (substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição), já a Sintaxe se volta para a função das palavras dentro de uma frase (sujeito, predicado, adjunto, complemento, aposto, vocativo, agente da passiva, predicativo, termos ligados ao nome e termos ligados ao verbo, objeto direto e indireto e adjunto adverbial), a Morfossintaxe, portanto, é o estudo dos morfemas e suas funções sintáticas (CARONE, 1994).

Os sujeitos ao narrarem suas vivências de histórias de vida, fazem uso da linguagem de seu grupo, da variação que adquiriu ao longo do tempo, assim o nosso objeto de estudo que é a fala está no seu ambiente natural, dentro de uma estrutura, podendo ser analisada no campo da Morfologia, relacionado ao estudo da palavra e da Sintaxe, o estudo da função que a palavra exerce na oração. A palavra pode ainda ser objeto de pesquisa pela classe gramatical

que se encontra e simultaneamente pela função que exerce na oração, este é o campo da Morfossintaxe. Nas entrevistas foi possível perceber algumas características de ambas as histórias de vidas, estes aspectos serão tratados a seguir:

3.2.1 APAGAMENTO DO /R/ FINAL E DESNASALIZAÇÃO DO /M/ FINAL

Segundo Martins e Abraçado (2015), este fenômeno do apagamento do “R” em coda final é muito antigo na Língua Portuguesa, antes era expressa para mostrar a fala dos escravos, os “falares incultos”. Com a evolução das línguas, hoje está presente em vários estratos sociais. Já a desnasalização do /M/ apresenta outra explicação, que será exposta logo após as considerações sobre o apagamento do R final. Os seguintes trechos a seguir apresentam estes fenômenos:

Quadro 1: Apagamento do R final e desnasalização do M final

Apagamento do R final	Apagamento do M final
Adelino Pereira	
a- “Quando comecei a me viciá bebê cachaça”; b- “Pra respeítá meus filho, mulhé e tudo”; c- “Senão enchê água, tinha um tambô de água”; d- “ Maió um pouco que essa Parecida”; e- “que eu gostava muito era, [...], quando tava curumim, era de caçá, pescá , gustava de flechá ”; f- “era bom quando vindiam guaraná, [...] uma lata era muito dinheiro, dava pra comprá rede, camisa e tudo quanto era pano”.	a. “Minha vida, era de fazê viage ”; b- “Olha o home que bébi cachaça, fuma, é mesmo que ser uma buca de uma onça”; c- “[Eu] tomava, cuidava da bagage dele”; d- “Tava faltando corage mesmo pra tudo”; e- “Ah rapaz toma cuidado que é passage de gente marvado”;
Raimunda Cândida	
g- “Meu pai é espanhol, veio da Espanha [...] e aqui se aclimatô, aqui no interiô ”; h- “Era pra ir lá visitá e voltar pra Espanha de novo”; i- “Que vinham com o pessoal pra cá trabalhá ”; j “Ficavo parado até acalmá o tempo, as vez dormio assim sabe”.	f- “A viage deles era pra Bolívia, [...] queriam passar com essa irmã da minha avó que se casô na Bolívia”; g- “Ai não sei se ela estava lá, ou se casô com o home , o home que era de lá [Bolívia]”.

Fonte: Pedreno, 2022.

Nestes trechos do lado esquerdo do Quadro 1, fica evidente que em ambas as narrativas ocorre o apagamento do /r/ em coda final, um fenômeno que pode ser explicado da seguinte forma, “R→h→∅ e conseqüentemente cvc→cv” (MARTINS E ABRAÇADO, 2015, p. 48). Este esquema mostra o processo de enfraquecimento do “R” até seu apagamento, deixando a sílaba com apenas uma consoante, seguida de vogal, ou seja, há uma mudança na estrutura silábica do português brasileiro.

Conforme Martins, Martins, Araújo (2019), o primeiro registro desse apagamento na Língua Portuguesa é registrado na obra de Gil Vicente, do século XVI, e pode ser encontrada

em todos os falantes, independente de estratificação social, assim “o apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (MARTINS, ABRAÇADO, 2015, p. 51), como um traço característico das variedades linguísticas brasileiras (BAGNO, 2007).

Este fenômeno de apagamento do R final atinge os verbos no infinitivo, como em, *a:bebê> beber; b: respeitá>respeitar; c: enchê>encher; d: visitá>visitar; e: trabalhá> trabalhar; f: acalmá>acalmar*. Segundo Bagno (2007), este processo atinge principalmente o /R/ final no infinitivo.

Verificamos ainda a desnasalização do “m” no final das palavras (ver Quadro 1, lado direito). Nestes trechos, é possível observar que as palavras *viagem, homem, bagagem, coragem, passagem*, não possuem o /m/ final. As sílabas que sofrem redução são as posteriores à sílaba tônica (pronunciada com mais força), estando no final do vocábulo.

Nestas palavras, a vogal *E* é pronunciada grave, ocorrendo a desnasalização, ou seja, a não nasalização de sílabas postônicas (BAGNO, 2007). Conforme Amaral (2020), “eiⁿ(em) -- final de vocábulo, reduz-se a *E* grave: *viaje, virge, home, eles corre*” (AMARAL, 2020, p. 39). Neste processo podemos observar que o primeiro passo é a ditongação /ein/ (em), seguida de monotongação /em/, e finalmente a desnasalização do /m/ final, onde o /e/ é pronunciado como grave, como em *corage*.

Desta forma, as palavras terminadas em [-agem], sofrem este fenômeno, o qual está presente no português brasileiro, como uma regra atuante, que atinge formas não verbais e verbais (NARO, SCHERRE, 2007) como, “*eles vendio> vendiam, me tiraro>me tiraram, eles chegaro>chegaram, eles saíro>saíram*”.

O fenômeno de desnasalização é citado na Literatura como indício de processos de crioulização do português brasileiro, o que os autores Naro; Scherre (2007), discordam, pois apontam que é “um fenômeno antigo na Língua Portuguesa e que no Brasil não chegou com os negros escravizados”. Os autores elencam ainda que a “desnasalação (*eles amo, eles come*)” (NARO; SCHERRE, 2007, p.12) é um dos fenômenos centrais do português brasileiro.

Uma variável que deve se levar em consideração é a social, mais especificamente o grau de escolaridade, desta forma, são mais recorrentes nas falas dos brasileiros que tiveram pouco ou nenhum acesso ao ensino formal, seja por viverem em áreas rurais ou periféricas das cidades (NARO, SCHERRE, 2007). Este é o caso de Adelino Pereira, que não frequentou escola formal, e onde encontramos com maior frequência o fenômeno do apagamento do /M/.

Neste processo de desnasalização, os verbos também são afetados, no plural como em *dormem*, se reduz a *dorme*, desta maneira, é um fenômeno fonológico, a perda da nasalização da vogal final não acentuada, mas que vai além adquirindo novos conceitos (NARO; SCHERRE, 2007). Seguindo, podemos dizer que verbos encaixados neste processo sofrem uma redução da concordância verbal, pois somente o pronome marca a concordância, não havendo, portanto, a redundância das palavras, “a redução morfológica da concordância é um desenvolvimento mais tardio, criado a partir da ampliação da redução fonológica” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 33).

Completam os autores que este processo é existente na fala popular de Portugal, afetando nomes (virge como birge) e verbos (vertem como béрте), é trazido ainda que a desnasalização ou mesmo apagamento do /M/ final ocorria até mesmo no latim clássico (NARO; SCHERRE, 2007). Nas falas de Adelino temos: “*Era umas pessoas que me tratava (tratavam) parece filho*”, “*pois de repente aprendia (aprendiam) a lê aquelas criança*”, “*Pra onde mandava (mandavam) eu ir, eu ia*”; “*Meu trabalho era só de vigiá casa mesmo, me deixava (deixavam) lá, passava semana, ia (iam) embora, “quando eles chegaro (chegaram) pra cá, meu pai morava aqui*”.

O apagamento do /M/ final, para Naro e Scherre (2007, p. 100), é “o efeito da saliência fônica na oposição singular/plural da forma verbal”, que gerou ampla variação da concordância de número verificada no Brasil. Os autores Naro e Scherre (2007) mostram que na 3ª pessoa do plural ocorre a desnasalização da sílaba átona final, como em “eles chegaro”, em que, “a terminação -am está reduzida a -o em todos os tempos e conjugações” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 101), um processo semelhante ao que acontece no norte de Portugal. Foi um processo que teve início no nível fonológico e atingiu o plano morfológico.

Este processo de desnasalização do /M/, quando ocorre nos verbos, traz a falta de concordância verbal, como evolução da desnasalização da vogal não acentuada final, mas, Bagno (2007) mostra que “uma vez que a pessoa do verbo já vem explicitada pelo nome ou pelo pronome pessoal, não há necessidade de ela ser indicada, de modo redundante” (BAGNO, 2007, p. 222). Na narrativa de Raimunda Cândida encontramos a desnasalização, em *viage>viagem* e *home>homem*. Percebemos que a variável social de acesso à escolarização é um item que favorece este fenômeno, já que foi mais frequente na fala de Adelino Pereira.

3.2.2. CONCORDÂNCIA PARCIAL

A concordância Parcial é trata da falta de marcação de plural em todos os termos da frase, é presente nas histórias de vidas, ocorre como que para combater a redundância e também a dificuldade de pronunciar as sentenças, a marcação de plural é feita somente em um termo da sentença. No quadro abaixo, podemos perceber esse fenômeno.

Quadro 2: Concordância parcial

Adelino Pereira	
a.	“Era <i>umas</i> pessoa que me tratava parece filho”;
b.	“Pois de repente aprendia a lê <i>aquelas</i> criança”;
c.	“Eu lavava <i>vinte e quatro</i> prato de manhã, e xícara, um bucado de xícara da mulhé, [...] Aí lavar panela, <i>dez</i> panela”;
Raimunda Cândida	
d.	“Foi pro meu pai conhecer esse senhor que tinha <i>essas</i> possessão aqui”;
e.	“Não sei se tinha engenho. <i>Nós</i> temo, ele até tá desmontado agora”.

Fonte: Pedreno, 2022.

Nestes trechos podemos observar que a flexão das palavras para concordarem com o substantivo não ocorre, ou seja, não há concordância nominal completa, já que a regra diz que “a flexão de número, que cria o contraste entre forma singular e forma plural, decorre da presença, no plural, de um sufixo flexional, ou desinência /S/, com que a última sílaba do nome passa a terminar” (CÂMARA-JÚNIOR, 2008, p. 84).

Nestas sentenças só uma palavra marca a pluralidade, não impedindo o entendimento, reforçando que a variação linguística ocorre de maneira estruturada (BAGNO, 2007). Nas sentenças *a*, *b*, *d* e *e*, a marcação de plural é feita na primeira palavra, portanto, a regra é “marque o plural somente no primeiro elemento do sintagma” (BAGNO, 2007, p. 42), ou seja, a linearidade é um elemento que influencia o emprego de concordância, pois, “uma vez que apenas elementos que precedem as expressões nominais coordenadas podem evidenciar a chamada concordância parcial, ou seja, podem concordar apenas comum dos termos coordenados (o primeiro)” (COLAÇO, p. 153, 2012).

Nas formas verbais *tratava* (*a*), *aprendia* (*b*), *temo* (*e*), percebemos que para marcar plural falta a nasal final /M/ e /S/. Em *a* e *b* temos como já foi apresentado na desnasalização do /M/ final, que as palavras sofrem uma desnasalização da sílaba não acentuada final, ou seja, um processo fonológico que passa a ser morfológico, pois, com a evolução da variação passa a ser uma falta de concordância verbal, em que o /M/ final cai, ou o –am torna-se –o (NARO; SCHERRE, 2007). Como em “*peessoas que io (iam), assim viero (vieram), quantas peessoas já não morrero (morreram) assim?*” da narrativa de Raimunda Cândida.

Podemos dizer que em “*Era umas pessoa que me tratava parece filho*”, há ausência de concordância nominal completa, pelo motivo da falta de /S/ em *pessoa*, e da falta de /M/ em *tratava* (NARO; SHERRE, 2007). No falar de Adelino Pereira é frequente a troca de singular pelo plural, estes dois fenômenos podem ser observados nas sentenças frasais, “*demorêmo quase três ano lá, nós era seis zirmão, passemos asque uns cinco, seis ano por aí, andando na casa dos zotros*”. Em Raimunda Cândida há “*me casei já com vinte sete ano amodo, tem pessoas que é fácil de se dá com outras*”.

Na alternativa *c*, a numeração é quem indica a pluralidade, e também vem na posição anterior à palavra que receberia a marcação de plural, “o princípio básico é o da eliminação das marcas redundantes de concordância. A indicação da pluralidade se faz de maneira suficiente por meio de uma única marca morfológica, que aparece no primeiro elemento do grupo” (BAGNO, 2007, 221).

É possível observar, conforme a regra anteriormente citada, que as palavras paroxítonas e oxítonas (*prato, temo, pessoa, criança, panela, possessão*) também perdem o /s/ final (AMARAL, 2020). A perda do [-s] final está presente em estágios do latim, de onde o português deriva (NARO; SCHERRE, 2007).

Estas sentenças da variação linguística, usadas pelos sujeitos podem ser consideradas “erros” pelo lado gramatical, justamente pela falta de concordância de plural completa, de nome e de verbo, mas lembramos que a língua segue uma estrutura, que foi aprendida pelos falantes e corresponde às vivências e experiências dos grupos, porque a língua incorpora valores sociais (SÁ, 2007) do meio em que se encontra.

3.2.3. ROTACISMO E ALTERNÂNCIA DE /S/ POR /R/

Este fenômeno de alternância do /L/ por /R/ e do /S/ por /R/ é presente nas falas de Adelino Pereira e Raimunda Cândida, é recorrente mais na fala do primeiro sujeito, que é mais próxima da oralidade, é um falar simples e característico destes senhores, com uma pronúncia mais compassada. De acordo com o quadro 3, o emprego da troca de /S/ por /R/ foi encontrada somente nas narrativas de Adelino Pereira.

Quadro 3: Rotacismo e alternância de /S/ por /R/

L por R

Adelino Pereira:	
a.	“O trabalho lá [na Granja] era só, fazia roça, plantá cana e juta, negó de <i>marva</i> , e pau rosa”;
b.	“Lá meu padrinho me deu prum <i>tar</i> de dotô Toda, que era médico né”;
c.	“Tinha muita manga em Parintins naquele tempo, naquela frente, aquele mercado grande, até lá era manga pela berada assim, <i>iguar</i> essa aqui da vila”;
d.	“Era umas barca, [parecia] um açazêro em pé, e viero, passaro, até aqui no Chapelêro, aqui <i>vortaro</i> ”;
e.	“O feitô de ganhá dinheiro era só <i>argudão</i> , [...] quase como daqui da ‘Boca do velho Andirá’, aquele roçadão, cheio de <i>argudão</i> ”;
Raimunda Cândida:	
f.	“Eu não me lembro se perguntei pra vovó <i>arguma</i> vez, mas não me lembro”;
g.	“Minha avó tava lá preparando o <i>armoço</i> , o café”;
h.	“Eu tenho um <i>revórver</i> . Agora, nem pego mais”.
R por S	
Adelino Pereira:	
“Dia de domingo ali, era uma festa, só deles <i>mermo</i> lá”;	
“Eu nasci aqui <i>mermo</i> , aqui defronte da vila, aí na frente, na Buca da Campina que chama”;	
“Nós trabalhava de limpá campo assim, desmuitá campo, bestá <i>mermo</i> , limpando campo por aí”;	
“De lá nós vortemo pra cá pro Andirá de nuvo. Paremo aqui na Campina <i>mermo</i> , no <i>mermo</i> lugar”;	

Fonte: Pedreno, 2022.

Estes trechos trazem palavras que sofrem o chamado Rotacismo, “a troca de L por R em encontros consonantais ou em final de sílaba” (BAGNO, 2007, p. 144). Quanto a este último, temos os exemplos em *b*: *tar>tal*, e *c*: *iguar>igual*. Já nos encontros consonantais imperfeitos temos em *a*: *marva>malva*; *d*: *vortaro>voltaro*; *e*: *argudão>algodão*; *g*: *arguma>alguma*; *h*: *armoço>almoço*; e *i*: *revórver>revólver*; fenômeno presente em ambas as histórias de vidas.

O Rotacismo é uma tendência que acontece desde a formação do português brasileiro, e acontece em todas as regiões do Brasil, palavras que hoje possuem no encontro consonantal um /R/, antigamente tinham um /L/ na palavra original, como, “*ecclesia*” do latim a “igreja” no português, ou ainda “*sclavu*” no latim e no português “escravo” (BAGNO, 2006). Como exemplo da fase arcaica do português, temos “o próprio Camões, n’Os Lusíadas, escreve ora *ingrês*, ora *inglês*. Por razões como essas, entre outras, é que algumas palavras permanecem na norma-padrão com o L do latim, enquanto outras, pelo fenômeno do rotacismo, ficaram com o R” (BAGNO, 2006 p. 52).

Os sons /L/ e /R/ são produzidos de modo semelhantes e próximos no aparelho fonador, por isso a troca ocorre com facilidade, são as únicas consoantes líquidas que junto às outras podem formar encontros consonantais (BAGNO, 2007). Na parte final do quadro 3, temos a palavra *mermo>mesmo*, onde ocorre a troca entre /S/ e /R/, encontrado somente na narrativa de

Adelino Pereira. No dialeto popular, essa troca ocorre diante de “D e de consoante nasal como em ur –dia (os dias), derde (desde), mermo (mesmo), ur-nome (os nomes)”

(MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019, p. 140). Desta maneira, podemos dizer que a alternância de S por R ocorre na fala popular, e quando plural perde o -s (MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019), fenômeno que ocorre também no falar cearense (AGUIAR, 1937).

As alternâncias de /L/ por /R/ e de /S/ por /R/ são presentes nas falas dos sujeitos, é um fenômeno que também ocorre no falar caipira (AMARAL, 2020). O rotacismo é frequente no português brasileiro desde muito tempo, é por isso que algumas pessoas pronunciam palavras trocando os sons, porque algumas foram normalizadas com o /L/ e outras não. E a troca do /S/ por /R/, acontece no dialeto popular, ou seja, este fenômeno não acontece somente nas falas dos sujeitos aqui tratados.

3.2.4 USO DE NEGATIVAS, O EMPREGO DE NUMERAIS E A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS

Nos trechos da fala de Adelino Pereira (2021): “*Pode dar graça de Deus que esse não tem mais cura não*”; “*Eu não sabia de pescaria não*”; “*não gostei muito não*”. E de Raimunda Cândida (2016): “*ele não morreu não*”; “*não fui professora aquela que se formou lá nos colégio não*”; “*sei que não tinha vergonha de nada não*”. Aqui temos uma estrutura associada à crioulização, “o uso de um segundo não no final de uma sentença negativa (dupla negação)” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 66).

Estas sentenças apresentam a utilização de duas negativas na mesma frase, o que é presente no falar do caipira, conforme Amaral (2020), “o emprego de duas negativas-ninguém não, nem não, etc., assim contíguas – vulgar na sintaxe portuguesa quinhentista, mas hoje desusado na língua popular de Portugal, e na língua culta tanto lá como cá-, é obrigatório no falar caipira: Nem eu num disse – ninguém num viu – nenhum num fica” (AMARAL, 2020, p. 73). É utilizada por ambos os sujeitos da pesquisa.

O uso de duas negativas serve como para reforçar o que está sendo dito, lembrar o que foi falado, “a negativa **não** repetida depois do verbo: não quero não, não vou não, parece puro brasileirismo. Encontra-se, porém, repetidas vezes em Gil V.” (AMARAL, 2020, p. 73), na obra “O auto da barca do purgatório”, com isso podemos dizer que é frequente no português brasileiro, com uso que remonta ao século XVI.

Observamos nos relatos dos sujeitos, o emprego sucessivo de numerais, indicando aumento de quantidade “*Vamos dizer umas nove pras dez horas da manhã; Uns dezesseis ano, dezessete*” (Raimunda Cândida) e “*passemos as que uns cinco, seis ano por aí*” (Adelino, Pereira), ou seja, há o Mecanismo de Gradação Implícita, como na fala manauara que

apresenta “emprego sucessivo de numerais denotando aumento/diminuição de quantidade. ‘é merma faxa etária de quatro pra cinco ano’” (MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019, p. 187). Nessa frase, verificamos a alternância de /S/ por /R/, na mesma palavra utilizada por Adelino Pereira, desta forma, é uma alternância utilizada em Manaus, no interior de Barreirinha e também no Ceará.

Em ambas as histórias há a repetição de vocábulos, “*agora vai varrê esse quintal, limpando, limpando por ali*”, “*e eu jugava água, jugava água, jugava água*” (Adelino Pereira), e “*ai foram gostando, foram gostando, ficando, ficando*” (Raimunda Cândida), utilizado também na fala manauara, onde os usos de estratégias de repetições para expressar gradação são importantes para intensificar a construção discursiva, “esse mecanismo apresenta-se nas formas de repetições de vocábulos, repetições de sintagmas ou orações e repetição de significado, por meio de paráfrase” (MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019, p. 188). Um mecanismo frequente, como estratégia para se expressar feito junto a gestos.

A gradação é definida como “um recurso empregado pelo produtor de um texto oral ou escrito, para graduar força ou foco daquilo que o falante tem por objetivo expressar” (MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019, p. 179). Relacionado à quantidade, no diminutivo, utilizaram o -inho, “*Acuralzinho, mutorzinho, rapazinho, Agustinho, benzinho*”, no aumentativo, temos o -ão, -ona e -udo, “*fardão, esparradão, ralhão, grandona, barrigudo, graúdo*”.

A formação de palavras nas histórias de vidas estudadas que acontece por meio de prefixos e sufixos, como para designar a generalização de nomes foram empregados a terminação *zada*, “*Pedrenozada, curuminzada, japonezada e guaranazada*. Quanto aos afixos, temos apenas “*assoletra > soletra*”. Para a comparação utilizaram “*maió um pouco que essa Parecida; eu sei que comecei já maior, carregava aqueles menor*”, não foram encontradas outras formas.

Estes usos empregados pelos sujeitos da pesquisa são maneiras de se expressar, pois a “estrutura de orações é um mecanismo de gradação que se configura por meio de construção de períodos, com caráter intensificador [...]. Nessas construções, ocorrem encadeamento semântico crescente ou decrescente e emprego sucessivo de numerais, denotando aumento ou diminuição” (MARTINS, MARTINS, ARAÚJO, 2019, p. 188). A fala dos sujeitos pesquisados apresenta alguns processos semelhantes com a dos manauaras, como os acima apresentados.

A Amazônia foi sendo ocupada por diferentes grupos sociais que foram se hibridando (CANCLINE, 2013), e a linguagem é fruto destas hibridações, talvez por isso há processos

semelhantes, assim como há diferenças nos empregos, não podemos dizer porém que são erros, são apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. A fala dos sujeitos moradores do Andirá tem uma característica que diz respeito a cultura do grupo social, ao acesso a escolaridade e o meio em que vivem, portanto a linguagem é um meio de identidade de um grupo social.

3.2.5 MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS DECRESCENTES

Nas histórias de vidas dos sujeitos, observamos que a redução mais frequente é a ocorrida nos ditongos /EI/ e /OU/. A seguir são trazidas algumas palavras no quadro 4:

Quadro 4: Monotongação dos ditongos decrescentes

Redução de EI>E	Redução de OU>O
<i>madêra>madeira</i>	<i>falô>falou</i>
<i>intêro>inteiro</i>	<i>mudô>mudou</i>
<i>Perera>Pereira</i>	<i>acabô>acabou</i>
<i>janêro>janeiro</i>	<i>espalhô>espalhou</i>
<i>terrêro>terreiro</i>	<i>rôpa>roupa</i>
<i>parcêro>parceiro</i>	<i>dôto>doutor</i>
<i>macaxêra>macaxeira</i>	<i>chegô>chegou</i>
<i>lete>leite</i>	<i>contô>contou</i>
<i>quêjo>queijo</i>	<i>casô>casou</i>
<i>brasilêra>brasileira</i>	<i>entrô>entrou</i>
<i>cadêra>cadeira</i>	<i>otras>outras</i>
<i>perguntadera>perguntadeira</i>	<i>convido>convidou</i>
<i>enfermêra>enfermeira</i>	<i>mato>matou</i>

Fonte: Pedreno, 2022.

No lado esquerdo do quadro 4, temos palavras com a redução do ditongo /EI/>/E/, o que pode ocorrer diante de consoantes palatais ou ainda de vibrante simples (BAGNO, 2007). Nestas apresentadas, o fenômeno ocorre diante das consoantes /R/, /X/ e /J/, ou seja, não é em todas as situações. Bagno (2006) aponta para este caso que na verdade ocorre a redução de IJ e IX em J e X, devido à assimilação que “‘aproveita’ o caráter palatal da semivogal I e das consoantes J e X para reuni-las num único som” (BAGNO, 2006, p. 107), onde o /I/ deixa de ser pronunciado, ou seja, em vez de um ditongo, temos um monotongo. A monotongação é portanto "dois sons que se transformaram num só" (BAGNO, 2006, p. 102).

No dialeto caipira, um estudo de Amaral (2020) em que o autor mostra que o /EI/ no falar caipira é reduzido a /E/, também diante de /R/, /X/ ou /J/, traz os exemplos de “isquêro, arquêre, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, bêrada” (AMARAL, 2020, p. 38). Na narrativa de Adelino Pereira temos as seguintes palavras: 1) antes de R: “*bêra> beira, vivêro>viveiro, rebancêra>rebanceira*”, 2) diante de X: “*pêxe>peixe e dêxo>deixo*”, e 3) anterior ao J: “*quêjo>queijo*”. Em Raimunda Cândida quando a 1) temos “*Perera>Pereira,*

brasileira>*brasileira*, *terrêro*>*terreiro*". 2): "*dexado*> *deixado*, *pêxe-boi*>*peixe-boi*, *quêxa*>*queixa*", e o 3) nesta não foi encontrado.

Já a redução de OU>O, ocorre, segundo Bagno (2007), independente do contexto, e "as palavras que, em sua origem, tinham um ditongo AU (este sim, bem pronunciado) lentamente começaram a ser pronunciadas com um OU no lugar do AU [...] *palco* e *lauru-* em latim estava se transformando em *pouco* e *louro* em português" (BAGNO, 2006, p.95), assim temos a transformação do ditongo que não parou. Por isso, o /OU/ é pronunciado como /O/, apesar da escrita continuar sendo a mesma, "quais são os falantes do português brasileiro que pronunciam como [o] o ditongo escrito OU, como em roupa, pouco, ouro [...]? Resposta: todos os falantes. A prova disso é que essa pronúncia não provoca nenhuma reação negativa" (BAGNO, 2007 p. 142). Essa pronúncia, segundo Bagno (2007), faz parte do vernáculo geral brasileiro.

O fenômeno que ocorre em ambos os processos, tem o nome de Monotongação, "dois sons que se transformaram num só" (BAGNO, 2006, p. 102), o que verificamos quando há redução de ditongo. A redução de /AI/ > /A/, foi encontrada em "*baxa*>*baixa*, *caxa*>*caixa*", segundo Amaral (2020), ocorre a redução de *ai* diante da palatal *x*, "antes da palatal *x*, reduz-se à prepositiva: *baxo*, *baxêro*, *faxa*, *caxa*, *paxão*", isso relacionado ao estudo do dialeto caipira.

As reduções dos ditongos presentes nas falas dos sujeitos moradores do Andirá apresentam semelhanças com o dialeto caipira, como pode-se perceber na análise apresentada. As reduções de /AI/ > /A/, de /OU/ > /O/ e de /AI/ > /A/, são processos de Monotongação, dois sons que se assemelham, tornando-se um só, ou seja, não é um desarranjo da língua, mas é um processo natural que ocorre nas variações da linguagem.

3.2.6. FLEXÃO VERBAL E PRONOMES

Na flexão Verbal, a 1ª pessoa do singular e a 1ª e 3ª pessoa do plural são empregadas de forma diferente da norma tida como padrão, como em "*me tiraro*>*me tiraram*, *nós moremo*>*nós moramos*, *eles viero*>*eles vieram*, *eles chegaro*> *eles chegaram*, *eles saíro*> *eles saíram*, *eles vendio*> *eles vendiam*, *eles quero*> *eles queriam*", temos a troca de /A/ por /E/, e o /M/ e /S/ final não são pronunciados, ou seja, há a perda de nasalidade, sem afetar a marca de plural, desta forma, a 3ª pessoa do plural é marcada pela desnasalização da sílaba átona final, onde o [-am] é reduzido a [o] (NARO; SCHERRE, 2007).

Para Bagno (2014), o que ocorre é a eliminação da redundância na concordância verbal, "em vez de indicar a pessoa duas vezes, com o pronome pessoal e com a flexão, o princípio da economia linguística se aplica, restringindo a indicação morfológica somente a

um dos elementos” (BAGNO, 2014, p. 96). Pode ser ainda que há uma troca de singular/plural, pois, “no Brasil, o uso mais frequente de formas singulares em contextos plurais ocorre quando esta oposição é realizada por uma diferença menos perceptível na oposição singular/plural” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 60). O que não é muito considerável neste caso.

Nas formas do pretérito perfeito encontramos “*demoremo>demoramos, paremo>paramos, montemo>montamos, chegemo>chegamos*”, esses verbos que terminam em *-ar*, tem a sua tônica transformada em /E/, ou seja, o /A/ é substituído por /E/ nestas palavras (AMARAL, 2020). Desta forma, são usadas na 1ª pessoa do plural as terminações [-emo], em vez de [-amos]. Em relação à 3ª pessoa do plural temos as seguintes sentenças, “*querium> queriam, quizerum> quiseram, trabalhavum> trabalhavam, arranjarum> arranjaram, fardavum> fardavam, acostumarum> acostumaram*”, nestas, o [AM] na sílaba pós-tônica final é produzida como [U] (NARO; SCHERRE, 2007), uma desnasalização na sílaba final, “as formas verbais terminadas em –a nasal perdem a nasalidade e passam a –u; as que terminam –e nasal soam com –e mudo” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 101), pois há uma obrigatoriedade no emprego da flexão, imposta pela natureza da frase, o que nos faz adotar determinadas palavras (CÂMARA-JÚNIOR, 2008).

Segundo Naro; Scherre (2007), este processo é um desenvolvimento tardio, que surgiu após a ampliação da redução fonológica, os autores discorrem que a redução da concordância verbal, ou a perda da nasal final está presente nos textos medievais portugueses, sendo um fenômeno sofrido não só pelo português brasileiro. Há a neutralização entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular, como em, “*eu disse/ele disse; eu fazia/ele fazia; eu ia/ele ia; eu foi/ele foi*”, é um processo que está encaixado na configuração do português, onde as neutralizações são frequentes entre estas pessoas do singular, elas envolvem verbos como estes no pretérito imperfeito do indicativo, onde não há oposição destas pessoas (NARO; SCHERRE, 2007).

Em relação ao número, a 1ª pessoa do plural perde o S, “*nós fomo, nós viemo, nós chegemo, nós moremo, nós vortemo*”, os A são trocados por E, além da queda do S marcador de plural, um fato que é presente nas fases da história do latim, conforme Naro e Scherre (2007). Já as palavras “*ia, andava, fazia, saía, curtia, aprendia*”, na forma esdrúxula, se assemelham à do singular.

Nas falas analisadas, os sujeitos usam a concordância seja de número ou gênero, mesmo que sua marcação e organização sejam diferentes da tida como padrão, há a “concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo, e depende da espécie de frase a escolha da forma temporal e modal do verbo” (CÂMARA-JÚNIOR, 2008). Desta forma, os

sujeitos seguem a estrutura da variação de seu grupo, utilizando o tempo verbal e o modo sem confundi-los. A variação na concordância nominal no português do Brasil atinge todas as regiões, onde as variáveis sociais mais relevantes são o grau de escolarização e o contraste rural/urbano (NARO; SCHERRE, 2007), neste trabalho, o mais importante é o primeiro, grau de escolarização.

Os pronomes utilizados são o eu/me, o tu, ele/ela, nós/a gente, eles. O eu, por se tratar de histórias de vidas é bastante utilizado, o tu também, o *você* aparece somente nas falas de Raimunda Cândida, o *a gente*, predomina frente ao *nós*, mais ambos são utilizados. Estes fenômenos que caracterizam as narrativas de histórias de vidas podem ser encontradas em outras variações, como o dialeto caipira, são processos que acontecem na língua, e dependem de fatores sociais, pois estes influenciam a fala dos sujeitos.

3.2.7 ORGANIZAÇÃO DAS FRASES

A fala de Adelino Pereira é mais próxima da oralidade do que de Raimunda Cândida, a fala desta carrega um sotaque, os gestos acompanham a fala de ambos, as frases seguem a seguinte estrutura disposta no quadro a seguir:

Quadro 5: Organização das Frases

Adelino Pereira	<p><i>“trabalhei primeiro com os Pedrenozada, né”;</i> <i>“trabalho mais dele era isso, pau rosa, trabalhei foi muito foi tempo ali botando pau rosa pra eles”;</i> <i>“Ainda me lembro uma história aqui que teve, aconteceu com nós aqui”;</i> <i>“Meu trabalho mais sabe o que era?”;</i> <i>“Tinha uma, uma fazenda de banana, e macaxera, tudo que era isso, mamão, mais muito ali tinha”;</i></p>
Raimunda Cândida	<p><i>“Eu estudei aqui em casa né, com minha avó primero, minha avó era espanhola, eu aprendi ler, escrever, tudo em espanhol”;</i> <i>“Esse senhor convidou já eles [família Pedreno], se ele não queria dá uma volta por aqui [Andirá]”;</i> <i>“eu não sei [como vieram], eu num sei se foi pra Parintins primeiro, eu acho que foi pra Parintins”;</i> <i>“A filha já veio casada também, trouxe o marido seu, um espanhol”;</i> <i>“Negócio de dormir, só se alguma pessoa chegasse de noite pra passar”.</i></p>

Fonte: Pedreno, 2022.

Como podemos perceber, os sujeitos utilizam uma ordem ao narrar suas trajetórias, com uma disposição diferente, considerando que a frase é o menor texto possível e ainda que a estrutura gramatical do português tem níveis, o menor se trata dos morfemas, seguido dos vocábulos, depois sintagmas, oração e o maior, é o do período.

Para a formação de frases, os vocábulos "se associam em grupos, os sintagmas, que são os verdadeiros constituintes da oração" (AZEREDO, 2000, p. 31). Assim, as frases podem

ser organizadas de formas diferentes, conforme o falante aprendeu. No trecho de Adelino Pereira, a primeira frase “trabalhei *primeiro com os Pedrenozada, né*” poderia ser dividida nos seguintes sintagmas: 1) ‘Trabalhei primeiro’, ‘com os Pedrenozada né’; 2) ‘Trabalhei’, ‘primeiro com os Pedrenozada né’ e 3) ‘Trabalhei’, ‘Primeiro’, ‘com os Pedrenozada né’.

Isso é possível pelo motivo de as unidades gramaticais serem definidas por peculiaridades distribucionais, como posição e mobilidade, o que permite o deslocamento das posições (AZEREDO, 2000), sem problemas de compreensão ou alteração de sentido, ‘com os Pedrenozada né’, ‘trabalhei primeiro’, a organização das sentenças pode ocorrer conforme a combinação dos sintagmas, como *primeiro*, ‘com os Pedrenozada né’, ‘primeiro’, *trabalhei*’.

A distribuição dos sintagmas acontece de forma diferenciada, considerando que “sintagma é uma construção que se faz no plano das estruturas sintáticas, [...] o elemento necessário, pressuposto para que ele se configure, é um substantivo ou um verbo; um e outro podem articular-se ou não com elementos marginais, inclusive outros sintagmas” (CARONE, 1994, p. 16).

Como se pode perceber nos trechos apresentados anteriormente, a ordem utilizada pelos sujeitos da pesquisa nos mostra que cada falante escolarizado ou não, tem em mente que as palavras de uma sentença estabelecem relações umas com as outras, seguindo hierarquias, até chegar ao produto final, uma sentença aceitável (OLIVEIRA, 2010), considerando que há graus de aceitabilidade de acordo com o grupo de falantes. Por este motivo, consideramos que a variação utilizada pelos sujeitos da pesquisa segue conforme o grupo de falantes dessas comunidades, ou seja, é correta dentro destes locais, mas pode ser considerada não aceitável fora dessa variação (OLIVEIRA, 2010). O que não significa que as sentenças sejam inaceitáveis.

Esta análise das falas dos sujeitos moradores do Andirá mostra que há uma influência da descendência, pelo sotaque de Raimunda Cândida, a sua orientação educacional iniciada pela avó, mostra que a educação das crianças deveria ser assumida pela matriarca, que mesmo sem escola, era necessário saber ler e escrever na Amazônia, saber das notícias do mundo, a sua fala não trata somente de trabalho, mas de toda uma vivência intercalada pelas memórias da infância, juventude e velhice.

Quanto as influências que sofrem os falares usados pelos sujeitos da pesquisa, não há influência marcante dos antepassados na fala de Adelino Pereira e Raimunda Cândida, esta, por exemplo, não trouxe palavras espanholas, mas há no seu linguajar uma pronúncia das vogais diferentes de Adelino Pereira, da mesma forma a fala deste apresenta diferenças,

porém, não nos voltaremos a analisar este ponto, pois, exige, o uso de programas especiais para mostrar as diferenças de pronúncia dos sons.

Seguindo, elencamos que a falta de uso da língua materna pode ser devido ao meio, a falta de parceiros. Na Granja os trabalhadores que circulavam não eram espanhóis, apenas a família Pedreno, assim foi necessário o uso da língua da maioria, os moradores das comunidades circunvizinhas. Da mesma forma em Santa Tereza, devido as hibridações os grupos sociais assimilaram costumes, tradições e linguagens, resultando em outras formas, deixando a linguagem dos antepassados, restando apenas traços.

Adelino Pereira fala sobre seus trabalhos, os lugares por onde andou, os padrões que teve, a sua infância não é tão citada, saiu de casa cedo e aprendeu pelo mundo como “se virar”, aprendeu a ler e escrever depois de grande, perdeu alguns irmãos para o sarampo, teve “muito pai, muita mãe” que gostaram dele. O seu sotaque é diferente de Raimunda Cândida, sua fala é acompanhada por gestos e sons, pois, “as conversações são feitas de palavras, mas também da entoação, mímica e gestos, que também variam de uma sociedade para outra” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 105).

Esta variação apresenta características que podem ser encontradas em outros locais, seguem uma estrutura da linguagem, com especificidades dos sujeitos e de suas histórias de vidas, o português brasileiro é resultado da língua trazida de Portugal “indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e pela nativização desta língua pelas comunidades formadas por estes falantes” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 68).

As falas foram analisadas morfossintaticamente, nos aspectos mais evidentes, verificando as influências sofridas. Foi percebido que de modo geral os processos e fenômenos ocorrentes na fala de moradores do Andirá, ocorrem em outras regiões, como o apagamento do /R/ final e a desnasalização do /M/ final, no primeiro é um processo presente e frequente na língua brasileira, no segundo, é pela desnasalização da sílaba final, ou para evitar redundância de concordância verbal; Na concordância parcial, temos a falta de marcação de plural em todos os termos da sentença, em que a não marcação é um meio de economizar, evitando redundância; Na Rotalização e alternância de /S/ por /R/, no primeiro caso é o processo de Rotacismo, em que algumas palavras vão alternando o /L/ por /R/, algumas inclusive são as formas corretas no português do Brasil.

Já em as negativas, o emprego de numerais e a repetição de vocábulos, apresentamos alguns processos ocorrentes nos falares como duas negativas na mesma frase, o emprego de numeral (crescente/decrecente), ainda a repetição de vocábulos para enfatizar; Há ainda a

Monotongação, a redução dos ditongos decrescentes /EI/>/E/ e /OU/>/O/, como mais frequentes; Na flexão verbal, os verbos não são flexionados, onde a marcação é feita pelo nome ou pronome, evitando a redundância, e os pronomes mais usados são o eu, me, tu, ele, eles, nós e a gente; e as frases seguem uma disposição diferente da norma tida como padrão, onde os sintagmas são reordenados. Nessas falas foram encontrados fenômenos presentes em outras regiões do país. As histórias de vidas trazem junto a si a do grupo que o indivíduo pertence, mostrando sobre a ocupação, a vivência e a cultura nestas paragens do Andirá. Todo esse contexto mostra a importância de estudos voltados para a análise dos sujeitos que fazem parte desse chão amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa direcionada à análise morfossintática das falas de dois moradores de comunidades tradicionais do Rio Andirá, a partir de histórias de vidas foi desenvolvida com intuito de verificar as características mais evidentes e ainda se há influências da descendência desses sujeitos.

Quanto ao nosso objetivo de verificar as características mais evidentes nas falas, percebemos que a organização das frases é diferente da norma tida como padrão, os sintagmas das sentenças são dispostas de outra maneira em ambas as histórias de vidas. A pesquisa atingiu seu objetivo proposto de analisar morfossintaticamente as falas, verificando as características mais evidentes e se sofre influência da descendência. A seguir apontamos as evidências mais relevantes.

Uma especificidade marcante é a perda do /R/ final que não é pronunciado, neste caso, os que sofrem este fenômeno são os verbos. Outra som que sofre apagamento é o M, pela desnasalização, afetando os substantivos, estes têm a sílaba pós-tônica desnasalizada, ou seja, pronunciada com menos esforço. Outra característica é a Rotalização, a troca de /L/ por /R/, seja no final das palavras ou em encontros consonantais.

A marcação de plural é feita somente na primeira palavra da frase, quanto aos ditongos, os mais frequentes são os decrescentes, /EI/</E/ /OU/</O/, em que a vogal mais fraca, não é pronunciada, ocorrendo a Monotongação. A fala destes sujeitos apresenta uma variedade da linguagem, estando de acordo com a sociedade em que reside, ou seja, é característica deste grupo social do Andirá. E a variação sofre por um lado influência da descendência e também da formação educacional e familiar.

Dizemos isso, porque a fala de Adelino Pereira de Castro, que não frequentou escola formal e cresceu "por aí" nos mundos do trabalho no Baixo Amazonas, é mais próxima da oralidade, sendo do sexo masculino e criação de seu padrinho, viajou por muitos lugares da área do município de Barreirinha e Parintins, quando estava rapaz é que aprendeu a ler e a escrever, começou a trabalhar desde muito cedo, ainda criança. Diferente de Raimunda Cândida Pedreno que ainda criança aprendeu a ler e a escrever com a avó paterna, em duas línguas, espanhol e português, recebendo aulas de matemática e português, foi incentivada a aprender "bem mesmo as coisas".

As histórias de vidas contadas seguem uma ordem cronológica, começando da infância, juventude e velhice, em que os sujeitos decidem como organizar, o que falar/ocultar,

trazem nomes de pessoas e lugares, dentre outras informações que cortam suas narrativas principais.

Estas histórias informam sobre os trabalhos que tinham na Granja Ceres, sobre os trabalhos desenvolvidos por Adelino Pereira de Castro, apreendemos que não havia escolas, e a educação era para poucas pessoas, e um marco foi a abertura da escola improvisada, dirigida por Raimunda Cândida Pedreno, onde todas as crianças “da redondeza” se dirigiam à Granja para aprenderem a ler e a escrever.

Foi pelos relatos que descobrimos que a Granja era de portugueses e somente depois é que foi adquirida pelos imigrantes espanhóis, e então ficou com os "Pedrenozada". As narrativas dão conta de que ali era um ponto de parada das embarcações que subiam e/ou desciam o rio, quando o vento no "Andirazão" estava forte, também porque ali tinha um comércio forte, e os de toda redondeza vinham trocar, vender e comprar produtos. Havia também plantações de cana, de algodão, de roça, dentre outros.

Em Santa Tereza também temos as plantações de mandioca, de guaraná e outros, a pesca e a caça eram praticadas pela abundância que tinha. As festas já ocorriam e eram famosas, por serem antigas, passadas de geração para geração. As danças ainda hoje nas comemorações são praticadas, reafirmando a identidade. Estas informações chegaram a nós pela oralidade, por meio das entrevistas.

As trajetórias desses sujeitos refletem em sua narração, na sua fala, no trabalho que realizavam, a influência da fala. Raimunda Cândida, uma professora que não se formou “nos colégios”, traz uma linguagem mais simples, com palavras próprias de seu grupo e do trabalho que desenvolveu. Adelino Pereira tem uma narração onde a infância é curta, as experiências dos mundos do trabalho ocupam a maior parte das narrações, uma fala simples, há coisas que não recorda devido à idade avançada.

O Rio Andirá como já fora pontuado, recebeu diferentes grupos sociais que se hibridaram, resultando em novos grupos, culturas e tradições, isto influencia na linguagem, onde temos uma fala mais rápida, ou mais calma, outra com citações a nomes de pessoas e lugares, assim, a região do Andirá é uma personagem nestas trajetórias de vidas.

Estas informações adquiridas pelo trabalho de pesquisa podem servir como base para objetos de conhecimentos sobre a variação linguística do Andirá, mais especificamente das comunidades de Granja e o quilombo de Santa Tereza, lembrando que os sujeitos são velhos, carregam uma visão ampla e madura sobre suas vivências, dessa forma, atingimos nossos objetivos.

Quanto às questões norteadoras da pesquisa, foram verificadas que há sim marcas específicas e características que tornam a fala desses sujeitos únicos, mais evidente é a organização das frases. Já em relação às influências, temos mais a de escolaridade e os costumes de seus grupos. Os Pedrenos, espanhóis, por exemplo, educavam em casa, sendo uma obrigação da matriarca, a avó. Já da parte de Adelino Pereira de Castro, temos o costume de “dar” os filhos a outros para estudar ou trabalhar, como forma de garantia de uma vida melhor, o que não ocorreu com o sujeito deste estudo.

As questões propostas são verdadeiras, pois, as histórias de vidas envolvem a do sujeito como narrativa principal e a de seu grupo, junto a outras, funcionando como narrativas intermediárias, ou seja, as narrativas ilustram sobre o grupo a que o indivíduo pertence, bem como suas relações com os demais e de que forma se davam, o que nos permitiu identificar as influências dos antepassados e de seus costumes adaptados à região, aos tipos de família, aos trabalhos e educação, onde a fala também é afetada pela hibridação de culturas no Andirá.

A pesquisa de análise morfossintática das falas, a partir de histórias de vidas de moradores de comunidades tradicionais do Andirá, se mostra como um meio de buscar informações sobre a linguagem destes sujeitos, como uma variação do português padrão, são conhecimentos que podem ser utilizados como material didático a ser confeccionado de maneira a atender às legislações que determinam o ensino da história e cultura africana e afrobrasileira e indígena nas escolas, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Onde o ensino deve ser pautado dentre outras informações, pela memória coletiva, pelas práticas culturais, das tecnologias e formas de produção de trabalho, festejos, tradições, conforme a Resolução N° 8, de 20 de novembro de 2012, no Art. 1, que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na educação Básica.

A relevância desta pesquisa se deve aos conhecimentos que foram trazidos à tona, dando importância a grupos sociais que residem às margens do Rio Andirá, enfatizamos também as narrativas dos mais velhos como fonte de informações sobre o passado e sobre a chegada dos primeiros moradores nestas “paragens”.

A pesquisa se destina aos moradores do Andirá, que vai do Distrito de Barreira do Andirá, na parte “de baixo”, até a Área Indígena Sateré Mawé na parte “de cima” do rio. Neste ponto, consideramos que a pesquisa é destinada aos quilombolas do Distrito de Santa Tereza do Matupiri, e das outras comunidades e núcleos quilombolas, aos comunitários da Granja Ceres dos “Pedrenozada”, e a todos os pesquisadores da área de Linguística e Sociolinguística, bem como da História Oral e Histórias de vida, ainda dos pesquisadores dedicados à formação sociocultural da Amazônia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Martins de. **Fonética do português do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 51(51), p. 271-307, 1937.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação**: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do rio Andirá: Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, Trindade, Boa Fé e Itaquara/ Barreirinha, Amazonas, 4/ coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro...[et al]. – Manaus: UEA, 2014.

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais**: Histórias dentro da História. Fontes históricas. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Orais. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-186.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação À sintaxe do português**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pontos nos ii. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARCELLAR, Carlos. **Fontes documentais**. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla (Org.) Fontes Históricas. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. 3ª. ed. - Manaus: Editora Valer, 2009.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise Linguística**: afinal a que se refere?. São Paulo: Cortez, 2013.

BOKAR, Tierno. **A Hampatê Bá**. Tradição viva. In: ZERBO, Joseph Ki. História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2. Ed. Ver. Brasília: UNESCO, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. **Fontes biográficas**: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COLAÇO, Madalena. Retomando a questão da concordância parcial no interior de constituintes nominais coordenados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, p. 153-170.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidade**. História Oral, 6, 2003, p. 9-25.

EMMI, Marília Ferreira. **Um Século de Imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira (1850-1950)**. Belém: NAEA, 2013.

FARIAS, Katriana Jacaúna. **As variações dialetais parintinense: contribuição da Sociolinguística aos falares amazônicos/amazônidas**. Dissertação de Mestrado. GuajaráMirim, 2010.

CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, trad. da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GARCIA, Maria Cecília; REIS, Benedita Aparecida Costa dos. **Mini manual Compacto de Gramática Língua Portuguesa: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Rideel, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Beatriz Daruj. **Modelos de Análise Linguística**. CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Língua Portuguesa: morfossintaxe**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**; Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MAIA, Gleidys Meyre da Silva; REGO, Mara Rúbia Corrêa Maia; OLIVEIRA, Renir Reis de (Orgs.). **Guia de catalogação: escritura e memória cultural, mapeamento e sistematização de acervos documentais e artísticos no Baixo Amazonas**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2015.

MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir; ARAÚJO, Jussara (Orgs). **A fala Manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus.** Manaus: Editora UEA, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIRA, Gilberto Almeida; AMORIM, Vânia Raquel Santos. **A marcação de plural no sintagma nominal no português popular de Vitória da Conquista.** Abralim em Cena Amazonas Anais. Manaus-AM: UEA Edições, 2014.

MOTTA, Márcia Menéndez. **História e memória.** Cadernos do CEON Memória Social n. 17 (16) p. 179-199, 2003.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NORA, PIERRE. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In KHOURY, Yara Aun (trad.) Prol. História (1993), p. 7-28.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. **Análise sintática do português falado no Brasil.** v. 1. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Andirá: Memórias do cotidiano e representações sociais.** Manaus: EDUS, 2004.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Os cadeados não se abriam de primeira: construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (município de Barreirinha-AM).** Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2016.

Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola na Educação Básica. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica.

ROCHA, João Marinho da. **Das sementes aos troncos: História e memória dos movimentos Quilombola do Rio Andirá.** Manaus: Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SÁ, Edmilson José de. **Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar,** São Paulo: Textonovo, 2007.

SILVA, José Pereira da. **Morfossintaxe da Língua Portuguesa.** São Gonçalo (RJ): Faculdade de Formação de Professores (UERJ), 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 1º ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ANEXOS

ANEXO I: RAIMUNDA CÂNDIDA PEDRENO

Fonte: NEAB, GEHA (2016)

ANEXO II: ADELINO PEREIRA DE CASTRO

Fonte: Pedreno, 2022.

ANEXO III: FRENTE DO CASARÃO DOS PEDRENOS, GRANJA CERES



Fonte: Pedreno, 2022.

ANEXO IV: QUILOMBO DE SANTA TEREZA DO MATUPIRI



Fonte: Pedreno, 2022.

ANEXO V: ROTEIRO DA ENTREVISTA 1 – PARA A FAMÍLIA

TRÁGETÓRIA DE VIDA: RAIMUNDA CÂNDIDA

1. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO:

Pergunta: fale um pouco sobre você e sua relação com Raimunda

- Nome:
- data de nascimento e sua idade:
- lugar onde nasceu:
- Nome dos pais e onde nasceram, quantos irmãos têm?
- Família trabalhava com o quê?

2. CONTE SOBRE A TRAJETÓRIA NO ANDIRÁ

- Fale sobre os seus antepassados, sobre a família, sobre a Granja;
- Como era sua vida por lá;
- Quais os trabalhos que eram feitos por lá.

3. MEMÓRIAS SOBRE RAIMUNDA CÂNDIDA E DO TRABALHO DELA NO MATUPIRI

- Fale sobre Raimunda Cândida: conte sobre a profissão dela;
- Conte o que sabe sobre a trajetória de Paqueta como professora no Andirá;
- Por onde ela deu aula, em que tempo;
- Pra quem ele dava aula.

Agradeço pela entrevista

Gostaria de pedir permissão para a utilização desta entrevista no meu projeto, você autoriza?

Muito obrigada!

ANEXO VI: ROTEIRO DA ENTREVISTA 2

TRAJETÓRIA DE VIDA: ADELINO PEREIRA DE CASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO:

Pergunta: fale um pouco sobre você

- Nome:
- Data de nascimento e sua idade:
- Lugar onde nasceu:
- Nome dos pais e onde nasceram, quantos irmãos têm?
- Família trabalhava com o quê? Onde moravam? Como era esse local? E seus pais?

2. CONTE SOBRE A TRAJETÓRIA NO ANDIRÁ

- Como começou sua experiência de trabalho;
- Como chegou à Granja, em que trabalhava, como era sua vida por lá e os Pedrenos;
- Quais os trabalhos que eram feitos por lá.
- Fale sobre sua vida: os lugares que conheceu, que trabalhos fez, a sua vida em outros lugares, a sua vida no Matupiri com sua família.

3. SOBRE O MATUPIRI

- Como chegou ao Matupiri;
- Como conheceu sua esposa, o nome dela, e os filhos, quantos são e quais os nomes;
- Em que trabalhava;
- O que sabe sobre seus antepassados: sobre os antigos negros achegados no Andirá
- Como era o Matupiri antes; os moradores, quais eram os trabalhos. Eles vendiam suas mercadorias para o pessoal da Granja? Compravam também?

4. SOBRE EDUCAÇÃO

- Quanto a educação: Fale sobre Raimunda Cândida, ela deu aula no Matupiri?

Conte sobre a profissão dela;

- Conte o que sabe sobre a trajetória de Paqueta como professora no Andirá;
 - Por onde ela deu aula, em que tempo;
 - Pra quem ele dava aula.

Agradeço pela entrevista

Gostaria de pedir permissão para a utilização desta entrevista no meu projeto, você autoriza?

Muito obrigada!